ANNO II — N. 18
1.° de Fevereiro
de 1915

Mlle. Rosalina Coelho Lisbôa

SÓ

É CALVO QUEM QUER
PERDE O CABELLO QUEM QUER
TEM BARBA FALHADA QUEM QUER
TEM CASPA QUEM QUER

Porque o PILOGENIO

Faz nascer novos cabellos, impede a sua quéda, faz vir uma barba forte
e sadia e faz desapparecer completamente a caspa e
quaesquer parasitas da cabeça, barba e sobrancelhas. Numerosos casos
de curas em pessoas conhecidas, provam a sua efficacia.

Bexiga, Rins, Prostata, Urethra

A URUFORMINA GRANULADA de Giffoni é um precioso diuretico e
antiseptico dos rins, da bexiga, da urethra e dos intestinos. Dissolve o
acido urico e os uratos. Por isso é ella empregada sempre com feliz re-
sultado nas influencia renal, cystites, pyetites, nephrites, pyelonephrites,
urethristes chronicas, inflamação da prostata, catharro da bexiga, typho
abdominal, uremia, diathese urica, arêas, calculos, etc.

As pessoas idosas ou não, que têm a bexiga preguiçosa, e cuja urina
se decompõe facilmente devido a retenção, encontram na URUFORMINA de
G.FFONI um verdadeiro ESPECIFICO porque ella não só facilita e augmenta
a DIURESE, como desinfecta a BEXIGA e a URINA evitando a fermentação
desta e a infecção do organismo pelos productos dessa decomposição. Nu-
merosos attestados dos mais notaveis clinicos provam a sua efficacia.
Vide a bulla que acompanha cada frasco.

Encontra-se nas boas Drogarias e Pharmacias desta Capital e dos Estados e no

Deposito: Drogaria Francisco Giffoni & C.-1.º de Março, 17

RIO DE JANEIRO

QUANDO V. EX.

Precisa de um medicamento, procura certamente o que haja de melhor e de effeito mais seguro, porque um máo remedio poria em risco a sua vida.

PORQUE RAZÃO

Quando quer fumar não usa os delicados cigarros Vanille em vez de usar esses cigarros ordinarios e baratos que infestam o mercado, que são tão perniciosos como as más drogas ?

TENHA SEMPRE EM MEMORIA

Que os cigarros Vanille são producto da reputada Fabrica Veado, o que é uma garantia da sua indiscutivel superioridade. Além disto, os cigarros Vanille

SÃO hygienicos,
SÃO agradaveis,
SÃO os cigarros do Grand Chic,
SÃO perfumados,
NÃO atacam o estomago,
NÃO arruinam o systema nerv

Poderá V. Ex. apontar uma outra mar cigarros que possua taes predicados ?

José Francisco Corrêa & Co

ASSEMBLEA, 94-98 — RIO

FOLHETIM 17

JULES MARY

AMO-TE

Primeira parte

— Bem, senhor.

E ia a sahir. Ao alto da escada, pára e deixa escapar uma exclamação. A lampada aclara vagamente o corredor e lá, diante da porta aberta, está uma mulher vestida de negro. Bruscamente Turgis tira o quebra-luz do lampeão e a luz vae bater em cheio no rosto da visitante. Elle solta um grito de desespero e de terror.

— Genoveva !... Genoveva !..

Ella entra e encontra-se no meio do gabinete. O porteiro sahiu. Ella está só com o juiz. Elle deixou-se cahir na sua poltrona, e com os cotovellos apoiados sobre a mesa, a cabeça entre as mãos que velam os seus olhos, procura conservar seu sangue frio. Appella pora toda a sua coragem. Que irá elle ouvir ?... Não ousa olhal-a de frente. Ella se cala. Os braços cahidos, os cabellos em desordem, toda desfeita, ella tem o ar de uma mendicante. Seus labios largamente abertos, deixam passar com difficuldade o ruido da sua respiração. Tem os olhos enxutos e vermelhos.

—Sou eu, disse ella. Parecia que o senhor me esperava... não é?...

—Não... A esta hora ?... E depois, porque havia de eu esperar-vos ?...

Ergueu-se e offereceu-lhe uma cadeira. E ella, meneando a cabeça, murmurou :

—Não é o senhor de Turgis que eu busco. E' o Juiz.

—E que tendes a fazer com o Juiz ? disse elle compassadamente.

—Venho accusar-me de um crime que commetti...

—Um crime !...

—Sim, o crime que o senhor temia tanto, que o senhor procurou evitar, recorda-se ?... Ou o senhor tem a memoria fraca ?...

E riu com amargura.

—Genoveva, não é verdade o que dizeis ? Tendes prazer em torturar-me... E' uma experiencia, que fazeis, do meu animo e do meu coração ? A idéa deste crime é tão abominavel que não acredito que ella pudesse dominar o vosso espirito. Em um momento de loucura, vá... mas a loucura não dura... A razão vence... Genoveva por piedade, não é verdade o que dizeis ?

— Juro, que esta tarde, eu lancei vitriolo, lembrai-vos do frasco do outro dia? —sobre a cabeça de Mme. de Chantereine !

Talvez que ella já esteja morta... mas não era esse o meu intento... Não me arrependo do meu acto... Apresento-me para ser julgada.

(*) Repete-se uma parte por ter saido truncado no numero anterior.

— Mentis, Genoveva. E' simplesmente horrivel o que dizeis.

—Mandai-me para a prisão... sem demora. Estou cançadissima e morta de somno... ha tantos dias que eu choro e suspiro, ha tantas noites que não durmo. Agora já não tenho vontade de chorar. Já não odeio ninguem nem mesmo a ella... Quero dormir, preciso descançar, sr. de Turgis...

Genoveva sentou-se pesadamente na cadeira que lhe estava proximo. E como cambaleasse, e pudesse cahir desfallecida, Turgis apressou-se em amparal-a, ajoelhado, tendo a cabeça de Genoveva reclinada sobre o seu hombro.

— Oh ! Sr. de Turgis, murmurou ella com voz summida.

Perturbado pelo horror deste crime e pelo profundo amor que aquella pobre creatura lhe inspirava, elle respondeu :

— Infeliz, que fizestes ?

Seus olhos encheram-se de lagrimas. Ella se apercebeu disto e, tirando seu lenço, enxugou as lagrimas que corriam pelas faces do magistrado apezar dos seus esforços para contel-as.

—Faço-vos soffrer ?

—E' então verdade, Genoveva? repetiu elle.

—Chorais, eu vos lamento. Sei bem o que valem as lagrimas... Esquecei quem eu sou... Lembrai-vos somente do que sois e perdoai o pezar que vos causo.

Elle se levantou. Ficou muito tempo silencioso, absorvido por seus graves pensamentos. Seus olhares iam algumas vezes procurar os de Mme. de Montbriand. Ella não os evitava, parecia esperar que elle a interrogasse.

—Contai-me de novo, disse elle, o que se passou.

—Eu estou fatigada, não tenho nem forças para abrir os olhos. Esta manhã ainda tive febre. Isto me sustentava, me fazia andar... agora... acabou-se... Meu Deus, como estou fraca !

Contar-vos de novo o que se passou hoje é de alguma utilidade ?... Não o advinhastes ?... Esperei Rolanda... escondida no parque de Rochevaux.

Heitor estava lá... no castello... Elle appareceu... Juro que se não o tivesse visto, assim de improviso, insolente na sua paixão, eu teria hesitado em castigar ! mas eu o vi, tranquillo, á vontade, feliz. Minha rival estava então diante de mim, bem perto... precipitei-me e marquei no seu rosto o stigma de sua ignominia, de sua vergonha, que lhe marcará até seus ultimos dias de existencia...

—E é a mim que vindes dizer !

—Não sois meu amigo ? Sois tambem meu juiz Pouco importa. Ninguem melhor comprehenderá as angustias porque passei, antes de formar esse projecto terrivel ! Não julgais somente o crime, julgai tambem a intenção, e as causas determinantes...

E' com confiança, com alegria que corri para vós, Turgis. Bem sei qual é o vosso dever. E' preciso. Eu podia ter fugido, escapar á acção da justiça. Não o quiz. E vos digo : que me julguem.

—Sereis, julgada, Genoveva pois que é essa a vossa vontade. Mas não quero que vádes para a prisão. Vou escrever ao director do hospital. Depois de uma semelhante crise, tudo é para recear.

Amanhã, quem sabe si tereis forças bastantes para vos manterdes de pé... O director vos receberá, de minha ordem. Sereis uma pensionista...

Quando estiverdes em condições de responder a um interrogatorio regular, de supportar os debates de um inquerito, então, far-vos-ei comparecer.

—Obrigada, sr. de Turgis... junto de vós, serei feliz..., hontem ereis meu amigo... eu não ousava abrir-me porque ha muito tempo comprehendo que me amais. Amanhã eu esquecerei que vos me tinheis amado e vereis o meu coração.

Turgis entrou no seu gabinete. Era preciso assignar um mandado de prisão e uma ordem de baixa ao hospital. Sua mão tremula, recusava fazel-o, hesitava... Seus olhos olhos estavam cegos.

—Eu, dizia elle, eu que a amo tanto !

Baixando a cabeça, e com labios pesados de soluços, accrescentava.

—Eu que a amo ainda... E' preciso que eu assigne essas cousas !

Elle podia recusar fazel-o : Sabia-o.

Mas essas idéas o contrariavam.

Não era seu dever, do seu amor mesmo, preparar esse processo criminal ? Genoveva lhe tinha dito : Quem melhor que Turgis desculparia seu crime? Elle assignou.

— Vou mandar o porteiro acompanhar-vos ao hospital. A' ordem de entrada no hospital, junto uma carta explicativa ao director.

Sereis, com esta recommendação, tratada com especial carinho, não como uma prisioneira, mas como uma doente.

Elle frisou estas ultimas palavras e pronunciou-as com tamanha docura e tristeza que deixava transparecer bem a profunda piedade que so seu coração inspirava essa pobre mulher, que proromp:u subitamente em soluços e depois de mãos postas, dominada pelo pranto exclamou ;

— Eu vos peço perdão sr. de Turgis, eu vos peço perdão !

Baixou a cabeça e deixou escapar um suspiro profundo.

O sr. de Turgis tocou a campainha. Apresentou-se o porteiro.

— Tomae estas cartas e conduzi esta senhora ao hospital.

As cartas são para o director. Si elle não estiver lá,voltareis para me avisar.

Genoveva inclinou-se num cumprimento respeitoso. Elle retribuio-o.

E quando Genoveva já tinha saido, elle poz-se a chorar silenciosamente, de pé, a cabeça inclinada sobre o peito.

VIII

A instrucção não foi longa. não havia no processo nem mysterio, nem segredo algum a penetrar, nem denegações, nem falsidades.

A sra. de Montbriand comparecera apenas duas vezes perante o juiz. Havia lhe promettido abrir-lhe todo o coração. E manteve a sua promessa.

Extraordinarios interrogatorios foram esses. Era uma confissão que elle ouvia, uma historia em que elle representava tambem seu papel e do qual havia previsto as peripecias e o desfecho; uma historia duplamente dolorosa para elle, pois que traçava em suas linhas geraes os sentimentos intimos de Genoveva, bem como o seu ardente amor pelo marido.

Chegaram até a esquecer — elle, que era amigo dessa joven senhora; ella, que esse homem estava perdido de amores por si.

Fallavam-se como si fossem estranhos um ao outro; ás vezes, porém, uma pergunta ou uma resposta os faziam voltar á cruel realidade.

Assim, pensando, disse Turgis:

— Vosso crime só tem uma desculpa, o affecto que consagraes a vosso filho de quem o sr. Montbriand tem dissipado a fortuna.

Não ha senão uma razão: o vosso ciume...

— Eu era ciumenta.

E Turgis procurando dar um tom indifferente á voz, perguntava:

— Amaes então... ainda... ao sr. de Montbriand...

— Amava-o.

— O despreso não matou o vosso amor?

— Envergonho-me de confessal-o... que quereis?... Parece não me ser possivel amar duas vezes.

—De modo que... Agora!...

—Agora... amo-o ainda...

E ella baixou a cabeça.

Turgis ficou algum tempo contemplativo.

—Amo-o, disse ella; todavia não creio que lhe venha a perdoar.

Não, não o verei jamais, qualquer que seja a sorte que me reserve o destino; qualquer que seja o *veredictum* do jury e a sentença da Côrte de Justiça.

Entre mim e meu marido está tudo acabado... e para sempre!

E a vós que sois tão bom para mim, sr. de Turgis, a vós, de quem guardarei eternamente a mais viva recordação, peço que me poupeis um grande desgosto, um grande pesar...

— Falae, senhora... Eu sou o vosso amigo de sempre!

— Si eu for condemnada, que será de Magdalena?...

Meu marido, que nunca lhe teve affeição a expulsará com certesa.

— Occupar-me-ei disto.

Mas vosso pae recolherá, sem duvida, á sua casa, Magdalena e vosso filho, pois Heitor, como ignoraes, bem sei, desappareceu desde o dia de vosso crime.

Não voltou mais a la Motte-Feuilly.

— Que foi feito delle?

— Pelos apontamentos que me foram fornecidos, acha-se actualmente na America.

— O desgraçado!... Que vae fazer elle agora?

Genoveva tinha sido visitada por seu pae varias vezes e choraram juntos. O velho Trinque perdoara sua filha.

A condessa não ousara interrogar nem Turgis, nem Trinque, sobre Mme. de Chantereine. Ella temia receber a noticia de sua morte. Mas, finalmente ella se decidiu e foi com voz tremula e aprehensiva que ella se derigiu a seu pae:

—E ella?

— Tranquillisa-te. Está salva.

—Não ficaria cega?

—Não; apenas desfigurada. Receiava-se que viesse a perder a vista esquerda, mas agora não ha mais perigo. Tu a verás na audiencia.

—Diante de mim! Não, isto não! nunca!

—E' preciso, minha filha, a justiça te obrigará... não te poderás escusar...

Tens te castigado a ti mesma... és punida...

Mas, vamos, ha condemnações que não deshonram.

Por mais rigorosa que seja a justiça tu serás sempre cercada do respeito e affecto d'aquelles que te conhecem e que não te negarão o seu apoio moral.

Chegou o dia do julgamento. O processo tinha repercutido em toda a França. A imprensa parisiense enviará representantes a Châteauroux, por onde corria o processo.

Havia grande anciedade no espirito publico pelo seu desenlace final.

A opinião era favoravel a Mme. de Manteriand. Todos os detalhes do caso eram cenhecidos.

Genoveva conquistava as sympathias do publico.

Ao passo que Mme. de Chantereine inspirava pouca piedade e os jornaes do departamento tornaram-se o écho da unanime reprovação á sua e á conducta de Heitor.

Genoveva compareceu perante o tribunal toda vestida de preto — uma toilette de casemira preta guarnecida de vidrilhos negros, na qual sobresahia apenas a renda branca da golla.

Os soffrimentos de toda a especie por que tinha passado, não tinham modificado o encanto e a graça de sua pessoa.

Nós pintamos Genoveva feliz, e quando architectava o seu crime: os jornaes vão nos fazer o seu retrato diante do Tribunal. «De pequena estatura, mas de apparencia elevada e nobre, o corpo curvado pelos soffrimentos, mas a cabeça alta, penteada severamente em longos bandos, Mme. de Montbriand traz impressa em sua phisionomia os traços dos profundos desgostos que a acabrunham.

A cor de seu rosto é de uma pallidez quasi diaphana.

A bocca adoravelmente pequena está dolorosamente contrahida. Os olhos, fundos, grandes, doces, amorosos, velados por cilios negros esplendidos, parecem reflectir as angustias de sua alma. Como devem ter chorado estes olhos!»

No momento em que foi introduzida a sra. de Chantereine, Genoveva occultou a cabeça entre as mãos. Sentia-se mal.

Como estava longe a energia de seus primeiros dias! Como se tinha tornado mulher!

Rolanda entrou. Seu alto porte sentia-se curvado. Um desespero irremediavel tinha abatido a sua soberba.

A infeliz estava horrivelmente desfigurada. O vitrillo tinha feito a sua devastação. A vista direita não tinha sido attingida e a esquerda, já salva, conservava-se meio fechada. O extremo inferior do rosto, salvo uma larga mancha vermelha nos labios, estava intacto.

Uma especie de atadura de panno preto encubria as feridas ainda mal cicatrisadas da frante e da parte anterior do craneo.

Depois das perguntas preliminares, o presidente inqueria: Qual era o movel que vos impulsionava senhora, quando praticastes este crime. Querais explicar isto detalhadamente perante os srs. jurados.

Fazei-o com toda a franqueza, tendes o tempo preciso para isto.

Então Genoveva com voz tomada por uma emoção intensa, começou:

—Quiz assignalar esta mulher no proprio rosto, porque ella era amante de meu marido; porque graças a ella, meu marido cubriu nossa casa da maior vergonha com seu escandalo; porque a senhora de Chantereine conseguiu fazer que meu marido odiasse sua mulher e seu filho; porque, morreria sem duvida, louca provavelmente, se esta vida durasse mais alguns dias.. Eu morta, seria Rolanda casada com meu marido... Tornada a mãi de meus filhos... E isso seria impossivel, não vos parece?

Permetti, disse o presidente que eu repise ainda as circumstancias materiaes do facto. Foi o sr. Loreau, pharmaceutico em La Chatrê que vos vendeu o acido sulphurico. Entrastes nessa pharmacia para comprardes pastilhas de hortelã pimenta e um pouco depois de vossa chegada ahi pedistes vitriolo para limpar metaes!

«Não vos conhecendo, o sr. Loreau recusou a principio vender o corrosivo. Insististes mostrando o vosso cartão de visita, diante do que o pharmaceutico não poz duvida em servir-vos. Ao despejar o acido, o pharmaceutico deixou cahir umas gottas sobre os dedos, lavando immediatatamente as mãos com agua de flor de laranja, vós lhe dissestes então, isto queima, não é?

— Esta é a verdade.

— E accrescentastes: Isto atirado sobre o rosto, nelle deixa traços indeleveis, não é assim?

(Continua).

ANNO II RIO DE JANEIRO, 1 DE FEVEREIRO DE 1915 NUM. 18

REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA

EXPEDIENTE

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURAS

Anno . . . . 10$000
Semestre . . . . 6$000

PAGAMENTO ADIANTADO

Numero avulso 400 réis; nos Estados 500 réis

As importancias das assignaturas podem ser remettidas em carta registrada, vale postal ou ordem para casa commercial desta praça.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a F. A. Pereira. Caixa Postal 421.

Redacção e Administração — Rua S. José, 36 — 1.º andar

CHRONICA

BATE-NOS á porta o Carnaval. Tregoas ás lutas! Repouso aos ardentes impetos das combatividades, tanto no dominio da politica, como no campo extenso dos interesses em jogo!

Para trás os éstos da paixão, o fervente entrechocar das emoções recebidas!

O povo já se prepara para o delirio ebrisaltante da loucura passageira.

A festa que se approxima não deixa logar para contendas, senão as que têm por armas a alegria, o riso franco de quem se abandona ao imperio descrdenado da Folia.

Quando o dominio da mascara impera, desapparece a hypocrisia.

Arlequim é a alma do povo que se despe das convenções e vem rir comnosco a louca e desplicente gargalhada do espirito livre.

Nos povos antigos, eram as *Luprecaes*, o deboche, o phrenesi demoniaco. Pan e Satyro irmanados sob o causticante e desenfreado jugo dos sentidos.

Hoje é a expressão transbordante da alma popular que se transforma em cada instante, como que num kaleidoscopio de mil faces. Passam por elle todas as feições: desde o rico *Princez* sorumbatico até ao pobre *Pierrot* allucinado.

E' a cohesão hilariante de todos os temperamentos, a amalgama da sociedade inteira consubstanciada no delirio do riso e da pilheria esfusiante.

E' *Clown* que rodopia e salta nuns esgares rapidos de acrobata.

Bébé que chora, o *diabinho*, já tão raro, quasi desapparecido, que agita ao ar, de envolta com o rumor festivo de suas traquinadas, a cauda vermelha de sua folgança.

Passou o periodo da *saturnal* antiga, da crapulagem do baixo imperio dos cezares.

Domina agora a leve facecia e, pelo ar, como ardegas almas da alegria, azas ligeiras dos arrebatados impulsos do contentamento, petalas dardejantes de pequeninas e pintagaldas flores, esvoaçam e esfusiam os *confetti* num rodopio louco de combate.

Não tarda a verdadeira *Tregoa de Deus* no lar quasi em penuria do povo e que no coração de todos não se agite outro sentimento que não seja a nota alegre e phantasista de um extraordinario desejo de rir e de folgar.

Momo é o esquecimento da vida aziaga e mesquinha que corróe os dias dos que soffrem, uma suspen-

Senhorita Lucilia Alvarenga
filha do sr. José C. Alvarenga, residente em Campos

Senhoritas Etacyra e Ocacyra Moura Neves residentes em Leopoldina

são momentanea desse echo surdo da miseria que invade a cidade, horas de delirio em que a imaginação engendra o fausto, crêa a suprema igualdade do goso, da folgança feliz e quasi que apaga o traço que separa os pequeninos dos grandes da terra.

Arlequim surge na allucinação doudejante de uma pirueta macabra. Por sua face de alvaiade e carmim escorre a graça estortegante da palhaçada innocente.

Risos e festas. Dualidade augusta a áparar os golpes do destino inclemente.

Pierrot e *Colombina* de braços dados, lá vão, enlaçados, viver a vida livre e saltitante desses dias de folga alegre e feliz. Que fujam os taciturnos! Para fóra os perversos, fiquem occultos na propria ruminação de seus despropositos os insensatos, todos os doentes do espirito.

A loucura de *Momo* é sã como os guisos festivos que lembram a evocação ás deusas da alegria.

Que os Prometheus justiçados,, os eternos Sysiphos acorrentados á sua pedra, Tantalos da amargura, Hercules atados á sua fogueira, respirem um pouco o ar balsamico e entontecedor da Folia.

Abaixo as lucubrações massadoras da critica ! Não tarda o imperio liberrimo da verve por entre as pulverisações balsamicas dos *lança-perfumes*, a casquinada festiva dos risos da mocidade e essa doce e grata agitação da mulher, entregue ás vivas expansões de seu amor, mesmo através desse côro rumuroso dos *Evohés* dos sonhos incontidos.

Salve, MOMO immortal, supremo dictador das almas deste povo !

SYLVIO.

Instruir deleitando

DIZEM que contar historias é cousa propria da gente velha. Aparto-me desse modo de pensar, porque, apesar de — graças a Deus ! — estar bem longe da velhice, gosto de as contar.

E, depois, uma mulher nunca envelhece desde que ella tenha o segredo de agradar e despertar sympathias.

Esforço-me para conseguir essas duas cousas. Hão de me chamar pretenciosa, talvez; mas acho que a mocidade e a vida são dons de supra-elevado valor.

Hoje, portanto, sahindo do meu programma, quiçá para amenizar a aridez do assumpto, vou contar a historia do gafanhoto.

« Deus terminava a sua obra, corôando a com o que ha de mais poetico, de mais bello e de mais necessario no mundo—a mulher, esse mixto de anjo e de satan, que ora, e'eva o homem ás culminancias da gloria, ora, arrasta-o ás ultimas espiraes do crime.

O diabo, arqueando as sombrancelhas e sacudindo os hombros com profundo desdem, diz que faria cousa melhor.

— Acceito o desafio, respondeu o Creador. Tem cem annos para percorrer a terra e dou-te o poder de animares com o sopro da vida tudo que creares.

O diabo entra logo em actividade. Corre os olhos pelo mundo para ver o que mais o impressiona.

Toma a cabeça do cavallo, os olhos do elephante, as pontas do antilope, o pescoço do touro o peito do leão.

Depois enterroga a si mesmo a vêr o que faltava mais. Toma, então as pernas do avestruz; ao escorpião. o ventre. Quer que a sua creatura tenha azas.

Por muito tempo trabalha no inferno, incansavelmente para reunir todos esses pedaços, uns grandes de mais, outros demasiado peqnenos. Corta, lima, serra, ajusta, colla . . . e, ao cabo de cem annos tem nas mãos um animal, pequeno, mas terrivel. Sopra e dá-lhe vida.

—E' esta a obra de seu engenho ? — interroga o Creador.

—E' !

Pois, bem, em testemunho de sua fraqueza e de sua maldade, consinto que pullule este animal sobre a terra ».

Tal é a origem do gafanhoto, que segundo a lenda arabe resume em miniatura todos os monstros da terra.

* * *

Outra historia e não menos interessante é a da pulga, esse animalzinho que infelizmente tão bem o conhecemos e que se torna por vezes tão importuna.

« Andava Christo a passear em companhia de Pedro, a conversar sobre a maneira de governar o mundo e os homens, sempre incontentaveis com a sua sorte, quando viu á beira de um rio, coberta de andrajos, uma mulher moça ainda, mas tendo na physionomia estampado um tão grande enfado que bem demonstrava estar aborrecida de sua propria ociosidade e sentir-se farta da existencia.

— Mulher, disse Christo, a ociosidade é a mãe de todos os vicios. Ahi tens uma occupação . . . E dizendo isto, tirou do bolso um punhado de pulgas e atirou sobre ella ».

Desde esse dia as mulheres têm sempre pulgas, e quando nada tem que fazer, divertem-se em catal-as.

MLLE. MIMI.

NOTAS MUNDANAS

Anniversario

Foi muito festejado o anniversario natalicio do joven e sympathico Nelito Dermeval da Fonseca, que recebeu muitos abraços e felicitações de amigos e collegas. A' noite em sua residencia, affluiu grande numero de pessoas que o foram cumprimentar.

O anniversariante offereceu lauta meza de doces a todos os presentes; trocaram-se diversos brindes, destacando-se o sr. Francisco Belun que, num eloquente discurso enalteceu as qualidades do anniversariante e este commovido agradeceu aquella manifestação de sympathia.

Nascimento

O lar do negociante desta praça sr. José Cardoso de Souza Pinto, acha-se enriquecido com o nascimento de seu filho Sebastião.

Casamentos

Realisou-se no dia 16 do mez findo o casamento da gentil Mlle. Neuse de Brito Gluck, filha do sr. capitão de corveta João Frederico Cluck, com o sr. Baroncio Guerra, director do *Correio do Norte*, que se publica no Estado do Rio Grande do Norte.

Foram testemunhas no acto civil por parte do noivo o dr. Tavares de Lyra, ministro da Viação e por parte da noiva o capitão do exercito Nestor da Silva Brito.

No acto religioso serviram de padrinhos, por parte do noivo, o dr. Luiz Bezerra da Trindade, representando o dr. Joaquim Ferreira Chaves, governador do Rio Grande do Norte, e por parte da noiva, o coronel Alipio Fernandes Barros.

Realisou-se no mesmo dia o enlace matrimonial do negociante desta praça, sr. Manoel Ferreira dos Reis com a graciosa senhorita Albina Costa.

Foram paranymphos na cerimonia nupcial, seu irmão o sr. Paulo Ferreira dos Reis e sua exma. esposa D. Euphrasina de Carvalho Reis.

Contratou casamento o sr. Agostinho Pereira Guimarães, cirurgião dentista, com a senhorita Judith da Silva Vasconcellos, filha do dr. Ruy Pereira da Silva.

Realisou-se no dia 20 o casamento do dr. Djalma Regis Bittencourt, clinico nesta cidade e docente do Collegio Militar do Rio de Janeiro com a distincta mlle. Cesarina Guedes de Carvalho, filha do fallecido capitão de fragata, dr. Augusto Guedes de Carvalho e de d. Celeste Guedes de Carvalho, sendo o noivo filho do fallecido coronel do exercito Edmundo Muniz Bittencourt e de d. Ignez Regis Bittencourt.

A cerimonia effectuou-se na residencia da progenitora da noiva, á rua de S. Francisco Xavier, e a religiosa na igreja de S. Joaquim, em S. Christovão.

No mesmo dia effectuou-se o consorcio do sr. Ruben Gonçalves Barata, 1º official do ministerio da Agricultura, com a graciosa senhorita Maria de Lourdes Peixoto Fortuna.

No dia 23 do mez findo, realisou-se o enlace matrimonial do sr. Tristão José Pinto, funccionario da Estrada de Ferro Central do Brazil, com a gentil mlle. Iracema Nascentes, filha do sr. Edmundo Braulio Nascentes Coelho, chefe de secção aposentado da Directoria Geral dos Correios e da redacção d'*O Paiz*.

Senhorita Niquinha de Castro, distincta alumna da Escola Normal

Atheneu Club

No dia 19 do mez findo realisou-se com grande brilhantismo a festa commemorativa do primeiro anniversario da fundação desta util sociedade.

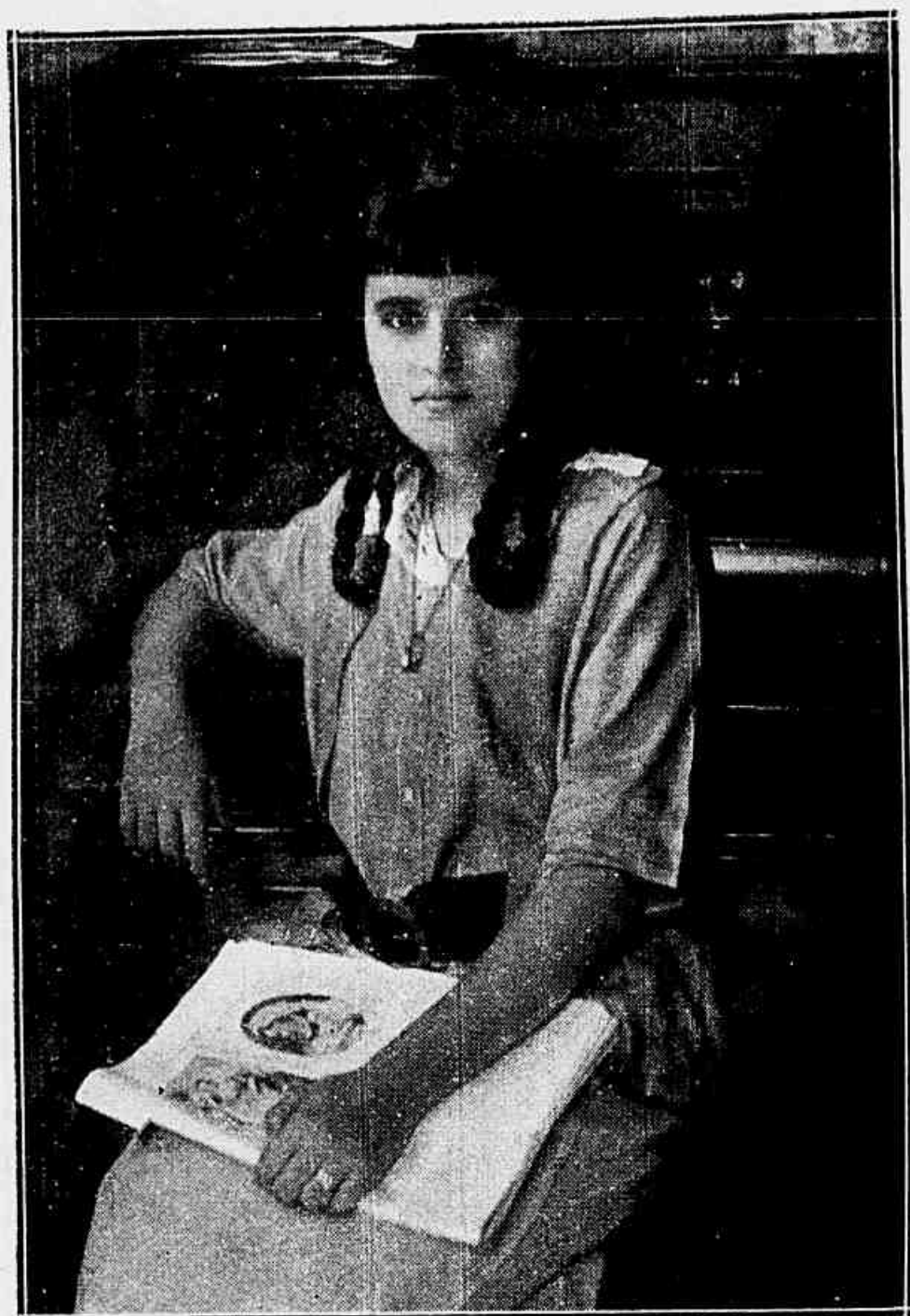
Foi executado rigorosamente o seguinte programma:

1ª parte I — Abertura da reunião pelo presidente da commissão organisadora; II — Posse solemne da Directoria eleita na assembléa geral de 28 de dezembro p. p.; III — «As tres vidas do homem: vida physica, vida intellectual e vida moral», conferencia pelo dr. Liberato Bittencourt; IV — Trabalhos litterarios pelos socios do Athneu.

2ª parte I — «Sphinx», valse de Francis Popy — Bandolins e piano por mme. Luiz Anesi e mlles. Helena e Nair Diniz; II — «Cavalleria Rusticana» — De Pietro Mascagni — Bandolins e piano por mme. Luiz Anesi e mlles. Helena e Nair Diniz; III — «Arabesque» — De Chaminade — Piano por mme. Luiz Anesi; IV — «Rimembranza di Chopin» — F. Mallio — Piano por mme. Luiz Anesi.

3ª parte — Soirée» dansante.

O serviço de buffet correu na melhor ordem e a digna directoria do Athneu foi incansavel em proporcionar a todos os convidados as maiores attenções e gentilezas.

Foi uma festa encantadora que deixou em todos as mais gratas e saudosas recordações.

Senhorita Maria do Livramento Coutinho
dilecta filha do nosso amigo, commandante Manoel C. G. Coutinho

Club 24 de Maio

Realisou-se no dia 23 do mez findo no esplendido palco deste estimado club, a recita mensal que a directoria offerece aos seus associados. Subiu á scena a fina e interessante comedia em 3 actos, de A. Bissons, intitulada *O fiscal dos wagons leitos.*

A peça que foi caprichosamente ensaiada despertou real enthusiasmo, porque esta comedia é uma das que mais successo tem alcançado, quando representada em nossos theatros.

A grande batalha de confetti e lança perfume, que por motivo de força maior, fôra transferida do domingo e que um grupo de associados offereceu ao digno presidente do club, dr. Luiz Arthur Lopes, em regosijo pelo seu restabelecimento, realisou-se domingo 24, com grande enthusiasmo e animação,

O brilhante festival teve inicio ás 17 horas e terminou com uma animada *soirée* intima, abrilhantada com a excellente banda de musica do 2° regimento da Brigada Policial.

A ornamentação do elegante e garboso jardim do club, esteve a cargo de uma commissão de socios que envidou todos os esforços para que a mais agradavel das impressões se recebesse.

*

Para maior brilho desta secção o *Jornal das Moças* mandará graciosamente o seu photographo ás festas, reuniões, casamentos, etc. realisados nesta capital e suburbios, pedindo para isto, um simples aviso, com a conveniente antecedencia.

Paginas do Coração

II

APÓS um dos dias escaldantes do mez abrazador de dezembro, cahia a tarde suave e docemente bafejada pelas aligeros zephyros que passavam.

Approximava-se a hora do crepusculo.

As nuvens de oiro que haviam recamado a tela do céo ao pôr do sól, tomavam agora uns tons pesados em cujos matizes variados predominava a côr de chumbo.

Mas a tarde era bella. E as tardes assim formosas, são evocadoras de saudades. Despertam na alma daquelles que soffrem, o desejo de amar.

O amor é o unico lenitivo que encontra na terra quem tem o coração ferido pelas desditas e pelos dissabores da existencia.

* * *

Rugia o mar distante. Approximei-me e fiquei a contemplal-o, longe de mim mesmo e alheio a tudo que de mim se acercava.

Ora, uma onda violenta se desenrolava e vinha impetuosa espatifar-se de encontro ao rochedo plantado á beira da praia, como um estranho fantasma, impassivel a todas as suas iras.

Ora, outra vaga, mais branda, vinha de manso até á raiz da penedia, como que para fazer-lhe a revelação de um segredo intimo.

E, numa constancia despertadora de comiseração, as ondas se succediam, se revesavam e vinham todas ao pé do rochedo morrer desfeitas em espumas, que a areia absorvia com a avidez de boccas famintas ou torturadas pela sede.

* * *

Querida.

O mar é o meu pensamento que te busca a todos os instantes, com essa constancia que se não fatiga, com esse desejo de amar que se não arrefece.

O rochedo é a tu'alma fria, inerte, feita de fragmentos de gelo, incapaz de se animar como as estatuas de Prometheu ao calor desse fogo que inebria e que devora.

Alma que não vibra, que não se aquece e que se não desperta ao som das mais arrebatadoras cavatinas de amor!

ROSAES SADI.

A symphonia da magua

II

QUE vem a ser a magua ? Poderá definil-a quem lhe não houver experimentado os effeitos que arrastam ao anniquillamento ? Será possivel comparal-a á dôr, ao pesar, a esse sentimento que cava fundo o supremo dominio do coração humano ?

Não ; a magua não é a dôr, porque a sobrepuja em seus effeitos : se esta se póde apagar ao encontro de consolações, ou pela influencia do tempo, que tudo faz esquecer, aquella perdura por uma eternidade ; segue-nos sempre, como se fosse uma sombra que se não desfaz, assim como a sombra da luz solar, quando o corpo que a projecta deixa de ser illuminado, nas horas tristes do crepusculo.

Muito diversa do pesar, não nasce, como este, de um arrependimento por alguma falta commettida : ao contrario, quantas vezes não nos invade a magua, brutalmente, o ultimo recesso de nossa alma, e ahi ergue a sua tenda, conquistando fóros de dominio sem legitimar esse direito ?

Não ha sentimentos do coração :— dôr, pena, pesar, desgosto, que se equiparem á magua, cuja influencia damnifica ; só uma pessoa é capaz de conhecer : — é quem a asyla no coração, não com afagos e carinhos, mas com cuidados e zelos para não ser conhecida por estranhos. Será dahi, talvez, que as lutas por ella provocadas só tem uma valvula, por onde as dôres, que nascem, como fructos amargos dessa arvore plantada e regada em nosso intimo, respiram desafogadas para consolarem, livres para alliviarem torturas, francas e em abundancia para mostrarem quão pesadas e profundas são as raizes que se embebem estouvadas, brutaes, no local que possuimos mais delicado e recondito de nossa alma : são as lagrimas em torrente, lagrimas arrancadas, vertidas copiosamente, sem a esperança de conforto nas palavras dos homens, porque estes ignoram que ellas são como que essencia derivada dos fructos que a magua produz.

A dôr, o pesar, o desgosto, qualquer sentimento que o coração agasalha, com facilidade se desfaz no influxo de phrases que consolam, promessas que attenuam, esperanças que reanimam, resoluções que fazem reviver um porvir no esquecimento do passado ; mas a magua traiçoeira e má, perfida e destruidora, não escuta vozes amigas, nada espera, e em nada confia : sua missão é conduzir-se como victima até onde finalisa uma existencia, até onde baqueia um corpo combalido e vae repousar, para sempre, um coração dorido, esmagado, esphacelado...

Depois... ella vem surgir á flôr das sepulturas como planta abrolhada, regada de tempos a tempos pela reminiscencia dos que sobrevivem e alli vão á visita da piedade lembrar-se de quem jaz no repouso do esquecimento, como quem espera por ultimo a pulverisação da derradeira fibra da planta, que nem o sol do amor quer bafejar mais.

A magua é cega, por isso não sabe onde se fixar, não escolhe pouso ; para ella qualquer serve, desde que lhe é indicado pela sua irmã — a ingratidão, a machinadora incansavel e insistente, a victoriosa de sempre...

L. de Assis.

O amor era uma corôa ; desde então a caridade foi um resplendor. Houve dilatação no circulo dos affectos.

Belleza carioca

Senhorita Silveria Pereira
alumna distincta do Instituto de Musica

Entre dama e cavalheiro

— Vou accender o meu charuto, adverte o cavalheiro, mas talvez o fumo lhe incommode, minha senhora.

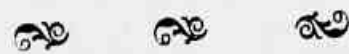
— Não sei, responde a amavel senhora, porque ainda ninguem fumou á minha vista.

Ciumes, recriminações, debate, reconciliações ; a guerra e a paz. E' este o cortejo ordinario do amor.

Senhoritas Maria Antonieta Machado (ao centro) e Nelson Machado, filhos do sr. Horacio Andrade Machado e da professora d. Luiza Machado, e Nair de Andrade, sua sobrinha

PREVENIMOS aos nossos leitores que devido á conflagração européa, ha grande escassez de papel de impressão, o qual subiu de preço extraordinariamente, obrigando-nos, bem contra nossa vontade, a empregar nas ultimas edições do *Jornal das Moças*, papel assetinado em vez de papel *couché*.

Fomos tambem forçados, pelo mesmo motivo, a suspender a publicação da Novella Feminina, que tão boa acceitação mereceu.

Fazemos esta declaração fiados na complacencia de nossos amaveis leitores, de cuja protecção e preferencia tem vivido e prosperado esta modesta Revista.

Numa lagrima de mulher ha muitas vezes a honra de um homem e até o destino de um povo.

— Olhe, minha senhora, que sujeito feio está alli encostado...

— Senhor, aquelle homem é meu marido.

— Ah! E' então muito certo que os homens mais feios casam-se com as mulheres mais formosas.

A mulher é escrava quando ama, senhora se despreza ou aborrece.

Aos nossos leitores

Não funccionando nos tres dias de carnaval as nossas officinas, o numero do "Jornal das Moças" do dia 15 será distribuido no dia 18.

ATHENEU CLUB — Cavalheiros que fazem parte da directoria eleita para o corrente anno

ATHENEU CLUB

Grupo de senhoritas presentes a festa realizada no dia 19 de janeiro

FOLHAS SOLTAS

II

NÃO é eterna a primavera dos amores, nem o riso dos primeiros dias é o riso de todas as estações da vida. Eu suppuz que o meu amor era um amor do céo; suppuz que toda a natureza se vestia de galas sómente para saudal-o.

Foi um engano bem triste, esse engano de moço, que ahi me deixava horas inteiras defronte de uma imagem de mulher.

O sol daquelles dias viçosos, que me illuminava a fronte de risos e contentamentos, é o mesmo sol de hoje que me vê curvado ás amarguras de um desengano.

A lua, que prateava as aguas dormentes da lagoa da nossa terra, é ainda a lua de hoje e a lua de amanhã que prateará as aguas de outras lagoas.

A natureza não segue os caprichos do coração, só ella é a unica e verdadeira amante do poeta: se eu fôsse poeta amaria sómente a natureza.

Iria ás solidões das nossas florestas admirar as flôres; iria assistir de alguma montanha escarpada o sol erguer-se deslumbrante e magestoso; iria contemplar a lua illuminando as longas chapadas dos sertões.

O amor das muralhas tem o encanto e o desencanto da miragem: se eu fosse poeta amaria sómente a natureza.

Se um dia curvei meus pulsos aos grilhões do amor, não foi a belleza que eu amei, foi a alma pura e immaculada que animava um semblante de menina. Não ardia em febre quando a via, meus labios não anhelavam beijar-lhe as faces, nem o meu coração batia de anciosos desejos.

Longe della sentia uma saudade bem doce, não pungente e amargurada de ciumes. A sua imagem acompanhava-me como a caricia mais pura de todos os meus pensamentos... Mas os annos passaram e a virgem dos meus sonhos, deixando as brancas azas da meninice, abandonou tambem a fragancia das flôres do Eden!

Conheci um dia que minh'alma descria do meu idolo querido, então lastimei não ter nascido poeta para amar tão sómente a natureza.

N. A.

Abilio Teixeira e Silva

Victimado por insidiosa enfermidade, que o vinha retendo ao leito e para a debellação da qual foram baldados os recursos da medicina e os desvellados cuidados de sua familia, falleceu em Jequery, no dia 16 de janeiro, o joven Abilio Teixeira e Silva, filho do coronel Antonio Teixeira e Silva, e representante do *Jornal das Moças*.

A' desolada familia do illustre extincto apresentamos as nossas sinceras condolencias.

Senhorita Alice d'Albuquerque Pessoa

OLHOS CASTANHOS

Foi por ti olhos castanhos, foi por ti que me deixei prender, deixei que meus olhos melancolicos, por momentos se inebriassem com essa luz divina que se desprende de tuas retinas.

Por ti, olhos calmos, serenamente bellos, eu sonhei delicias infindas, e quantas vezes eu penso : como deve ser delicioso deixar fitar-se por uns olhos tão lindos !

Ah! olhos castanhos, como eu te bemdigo ; como sinto-me feliz em ser escrava tua !

Olhos castanhos tu ás vezes és um enigma, outras, eternas esperanças ; mas, quantas vezes tu não reflectes a amargura que dilacera a alma de quem dominas.

Raras vezes tens uma expressão de alegria ; assim é que eu desejava ver-te sempre, sim, eternamente brilhantes, calmos, serenamente bellos.

Ah ! olhos castanhos seductores, tormentos da minha vida !

Ipanema, janeiro de 1913.

Pequenina R.

— Estou sempre ouvindo falar da lua nova. O que fazem das luas velhas ?

— Oh ! pois não sabes? Deus corta-as em pedacinhos e com elles faz as estrellas.

HYGIENE DA BELLEZA

A bocca

Um PESCOÇO feio póde ser escondido por um boá ou uma golla alta, e orelhas defeituosas são facilmente escondidas pelos bandós do penteado ; mãos feias por luvas ou *mitaines*.

Para os defeitos do corpo ha tambem a costureira com os recursos de sua arte, mas a bocca e os labios estão sempre em evidencia para fazer ou desfazer o encanto do rosto.

E', portanto, muito importante que, si temos labios bonitos, devemos saber conserval-os sempre bellos e si os tivermos feios devemos saber melhoral-os.

Em primeiro logar, é preciso não falar muito. Esta é uma regra de ouro porque as mulheres, pela sua prosa incessante, fatigam os musculos delicados da bocca e, com o tempo, ficam no estado em que fica o elastico já muito esticado e gasto.

Nas refeições, nos trabalhos caseiros, nos passeios, não é exagero dizer que o nosso sexo está sempre falando.

Nos bondes, nas lojas, desde que hajam duas mulheres juntas a conversação não pára nunca.

O resultado de tudo isto é que a bocca fica muito fatigada, não sendo sufficiente o descanço que lhe damos durante o pouco tempo que destinamos ao somno.

Este habito feminino é em grande parte a causa dos labios cahidos nas extremidades e das rugas precoces na pelle fina do queixo.

Risadas francas, abertas, prolongadas, devem ser evitadas, pois, esticam a bocca para fóra de sua posição normal e com o tempo apresenta a desagradavel apparencia de ter sido esticada de mais, mesmo quando se dorme.

O habito de um sorriso perenne causa o mesmo effeito.

Evitar cuidadosamente estas tendencias é um conselho que dou ás gentis leitoras e si por acaso se esquecerem, logo depois de commettida a falta, recommendo que apertem bem os labios, de fórma que as consequencias do mal sejam apenas transitorias.

Outro assumpto tambem que deve merecer muita attenção é a maneira de falar.

Para comprehender bem isso, observem de perto diversas senhoras conversando.

Umas mostram as gengivas, outras os dentes. Aqui vê-se o labio inferior cahido, alli o labio superior irregularmente repuxado para baixo, formando bico, contorsões desagradaveis, etc.

E' por isso que os francezes dizem que a mulher ingleza deixa de ser bella quando abre a bocca.

Verdade é, porém, que algumas boccas são de tal maneira formadas desde o berço que as gengivas e os dentes apparecem demasiado quando a pessoa fala.

Mas si o defeito é da natureza ou de habitos descuidosos, deve-se tomar precauções para remedial-o, tanto quanto possivel.

Neste sentido não ha nada que dê melhor resultado do que praticar a «arte de falar» deante de um espelho. Sustentae uma conversação com uma pessoa imaginaria deante do espelho pelo espaço de uns 15 ou 20 minutos diariamente, observando minuciosamente as seguintes indicações:

No começo, pronunciae, apenas, phrases curtas, apertando os labios, especialmente o superior bem ao centro dos dentes.

Emquanto assim fizerdes procurae as palavras que parecem tirar os labios das gengivas, e quando tiverdes notado estas, empregae-as de preferencia até não serem mais expostos os dentes, na parte em que se encontram com as gengivas.

Pouco a pouco sereis completamente senhora dos movimentos da bocca.

O geito feio e desnecessario de abaixar o labio superior e o habito ainda peior de levantar o labio inferior, devem ser corrigidos perseverantemente, deante do espelho, porque esses «cacoetes» concorrem extraordinariamente para tornar o rosto vulgar.

Em additamento a estas indicações, para evitar as contorsões da bocca, explicaremos alguns processos praticos e efficazes para conseguir a belleza da bocca:

Recorre-se outra vez ao espelho e pronuncia-se repetidamente e uma vez por dia, distinctamente cada uma das cinco vogaes.

Si se der perfeitamente a cada vogal o seu som especial perfeito, a bocca não se estende, nem os labios se separam das gengivas.

O que se consegue é uma graciosa curva dos labios, um pouco differente, cada vez, conforme o som de cada vogal.

Depois de alguns dias desta praticagem faça-se então um exercicio smelhante com as vogaes ligadas a consoantes, escolhendo palavras que dão á vogal o seu som mais aberto.

Os monosyllabos *pá, pé, vi, dou, du-du* servem muito bem.

E' com exercicios desta especie que se chegará a obter aquella mobilidade de labios tão notavel nas mulheres italianas da alta sociedade.

Como complemento a estes exercicios deve-se dar um tom aos musculos do queixo duchando-os com agua fria.

As rugas e queda dos labios cedem depressa a este simples remedio, e tomar estes cuidados desde a mocidade é passar sem estes defeitos por toda a quadra mais ridente da mulher elegante.

Só as duchas produzem beneficos effeitos, porque de cada choque de agua fria contra a pelle resulta um aperto dos poros que a simples ablução não póde produzir.

Alvaro Brandão, filho do distinto actor Brandão

Addiccionar á agua fria algumas gottas de tintura simples de benjoim é muito vantajoso.

O benjoim faz a carne firme e dá-lhe uma apparencia de frescura.

Não convém cobrir a bocca e o queixo com boás e véos grossos, para não prival-os daquella firmesa tão necessaria aos seus musculos e nervos.

Desse enfraquecimento, resultam as rugas e flacidez que tornam os rostos com apparencia de velhice muitas vezes precoce.

O habito de uma disposição fixa é prejudicial a qualquer bocca.

A disposição constantemente séria, por exemplo, quenão conhece outra disposição alegre, dá á bocca linhas duras e muito rectas.

Alegrae a sua disposição com um pouco de espirito si fordes de naturesa taciturna e fazei voltar aos vossos labios outr'ora subtis, o habito do riso.

A disposição continua de anciedade é um dos factores principaes para estragar a bocca.

Combatei contra ella si tiverdes esta inclinação, e praticae com assiduidade estas indicações, antes que appareçam as rugas e sulcos desgraciosos.

Dissemos, antes, que o traje não póde esconder os defeitos da bocca, mas não devemos esquecer que algumas vezes são de real utilidade, como elemento puramente subsidiario e indirecto.

Assim, por exemplo, labios descorados, combinam bem com as cores azul claro, ou azul-marinho; as co-

res *marron* e creme são tambem de muito bom effeito. A cor verde ou preta é que não convém nestes casos.

Boccas indevidamente proeminentes e duras podem adquirir uma apparencia de doçura e mocidade si se tem o cuidado de escolher o material de adornos nas proximidades do rosto.

Bordados, pelles, velludo, tulle, põem os pontos feios á distancia.

E' um effeito de perspectiva.

Collarinhos duros de linho, chapéos virados para cima em angulo agudo, são de effeitos desastrosos para os queixos protuberantes, salientes e aos narizes grandes, afilados.

Com habilidade e perseverança não é impossivel corrigir os pequenos defeitos de um rosto, que sem elles, seria encantador e attrahente.

*

CONSELHOS UTEIS

O cabello — A quem não afflige a queda prematura do cabello?

Entre as mulheres existiu sempre a preoccupação de possuir cabello bonito.

As mulheres prudentes nunca deixam de prodigalisar um cuidado extremo e carinhoso aos seus cabellos os quaes constituem uma grande attracção physica e é, na verdade, a «gloria das mulheres».

Cuidae pois do vosso cabello porque, como muitas outras coisas, não se torna a encontrar, uma vez perdido.

Evitae toda e qualquer doença porque são as maiores inimigas do cabello.

As inquietações e desgostos tambem favorecem a queda do cabello.

Muitas vezes deve-se attribuir ao penteado, a queda sensivel do cabello.

O couro cabelludo tem necessidade de frequente respiração.

As mulheres que gostam dos penteados que aprisionam, torcem, estendem ou comprimem os cabellos, pagam caramente mais tarde, a sua vaidade.

Ao couro cabelludo deve facilitar-se toda a respiração possivel.

Para o cabello o melhor remedio é a liberdade.

*

O limão — Tende sempre sobre o lavatorio um limão que é de muita utilidade para a limpeza das mãos e das unhas.

Serve para amaciar a pelle e tirar qualquer mancha.

Os limões conservam a sua frescura pondo-os em uma vasilha com agua fria.

*

Loção para o rosto — Uma boa loção para o rosto é leite misturado com sal na proporção duma pequena colher (das de café) de sal e duas (das de sopa) de leite.

Quando o sal esteja inteiramente dissolvido, esfregue-se a solução suavemente na pelle. Faça-se isto á noite e deixe-se o leite seccar e permanecer sobre a pelle até a manhã seguinte e o effeito será explendido.

Como a loção é de effeito branqueador, convém que se use diariamente, especialmente quando se esteja nas praias ou qualquer outro ponto junto ao mar.

No Atheneu Club

Mme. Luiz Anesi e mlles. Helena e Nair Diniz

AQUELLA MULHER...

Um sussurro tremia quando ella passava, delgada de um delgado flexivel e balouçante de cegonha solitaria, branca como os marmores lavados, e ruiva, mas desse ruivo flammante e rubro que lembra o cobre a resfriar em pós o calor da forja.

Sobre a alta gollilha de velludo, a mais das vezes rubi, destacava-se-lhe á cabeça um aspero oval de esculptura primitiva, muito aguçado e liso, a cisura da bocca em golpe de lamina, o aquilino frio do nariz terminado em ventas dilatadas de animal de caça, olhos cinzentos entre pestanas de prata em orbitas de crime e sombrancelhas a traço de pincel.

Da testa percebiam-se-lhe dois dedos apenas, o mais era a trunfa fulminea, o incendio satanico da sua cabelleira em que se ostentavam escandaiosos chapéos de preço, das mais extravangantes formas da moda e da mais nitida confecção do luxo.

As tres horas, pelas ruas de exhibições, ella surgia impressionantemente fantasmagorica, no seu passo firme e lançado de pernalta, tecidos ricos amortalhando seu esqueleto bizarro, trescalante de aromas mornos de que se enchia o ar no movimento da sua marcha.

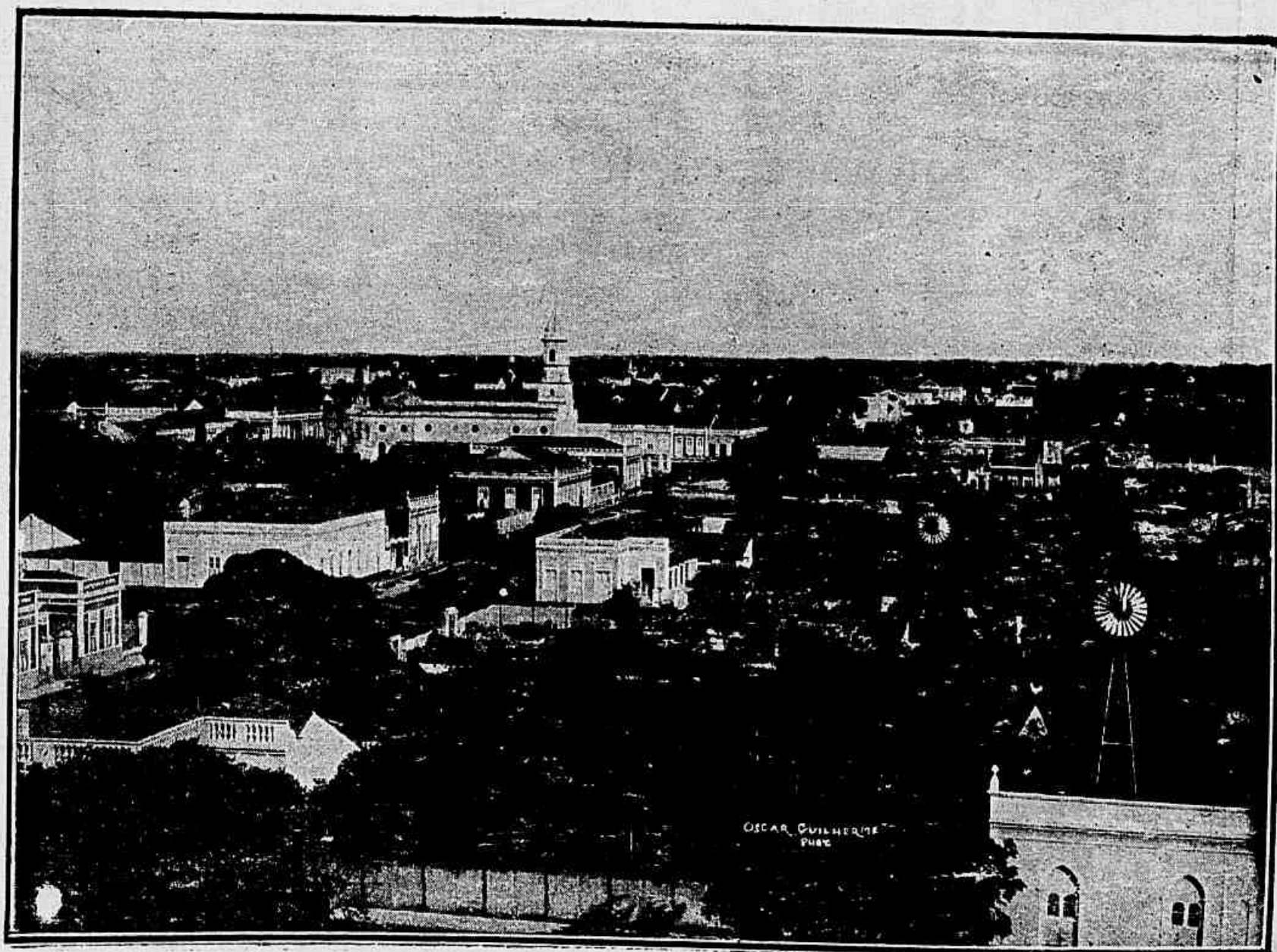
Os dandynados vadios, que se preparam para os hospicios e para os carceres, lapidavam-na com pilherias ultrajantes, que ella não ouvia ou fingia não ouvir; os senis e os parvos, enfronhados no respeito conselheiral de suas sobrecasacas ou com estudados desdens de academicos, chasqueavam-lhe ao bater dos tacões; e as vellutinadas bonecas da elegancia crispavam-lhe os labios com despresos offensivos, invejando-lhe, porem, os pannos do vestuario, o requinte dos utensilios mundanos; desde o desenho original dos longos grampos de de ouro, das finas carteiras de mão filigranadas em Yedo sobre marfim da India, da singular riqueza dos alfinetes das gargantilhas e dos lindos para-soes de castões artisticos, as «balayeuses» rendadas das saias e a belleza das luvas.

Corria pela bisbilhotice das calçadas, que ella, essa perambulante caricatura da morte em alto chic de season e polvilhos perfumados, era a mumia bem querida á excentricidade de um lord milionario, que vagamundeava seu spleen por paizes de sol e terra virgens.

Ao certo, porém, ninguem lhe conhecia a origem nem lhe sabia o viver. Entretanto, a estranha creatura que excitava hostilidades e fecundava invejas, attrahindo o olhar da multidão sem se inquietar com ella, indifferente ás normas e rompendo com a firmeza de uma evidencia a teia visgosa dos commentarios da Hypocrisia, era um sêr delicado, espiritualmente meigo e bem diverso em tudo dessa apparencia de ironia lugubre de Repss com requintes de actriz famosa.

Surprehendida na sua intimidade, nos aposentos duma English Pension alcandorada nos barrocaes dum monte, paredes brancas entre vergadas mangueiras velhas e pouco distante de fragas musgosas, enfestoadas de avencas, por onde cantava uma estreita faixa dagua nascente, ahi surprehendida nessa locanda de villegiatura a que seu entendimento de arte e o seu educado gosto de peregrina das civilisações deram o encanto dum pequeno Corot pendente sobre o divan, e um rutilante occaso marinho de Tuner, enchendo tres palmos do muro junto ao qual mandara collocar o piano para desfastio de suas leituras é que se admirava em todo o seu valor de mulher, como os inapreciaveis exotismos de uma flora fantastica sob os vidros das estufas.

Ahi, sim; ahi tinha-se o ameaço, a aura da vertigem, de uma temulencia prazerosa, ouvindo-se-lhe a voz clara e acre, tal devera ser a das Nixes, acaso falassem ellas, porque havia nessa bocca o fresco salobro de uma vaga que espadana ao sol do meio-dia canicular.

Chegava-se a duvidar da realidade, por parecer enganadora a sensação auditival! E essa voz que se desprendia sonora e fresca, ia-se a pouco e pouco semi-tornando em graves de uma belleza vagarosamente dominadora que nos deixava nalma a resonancia de uma nave abobadada; era como uma torrente desencantada de sons, desperta nesses caprichosos instrumentos barbaros do Oriente, talhados em bambus e pendentes de

Trecho panoramico da cidade de Fertaleza — Ceará

um eixo horizontal, que os ventos agitam e fazem gemer numa melopea intraduzivel, e ás vezes semelhantes ao espumoso marulho das ondas desmanteladas, que se retraem do ponteagudo dos arrecifes.

Ouvia-se e ficava-se enleado na musica desconhecida de suas phrases, num meio aturdimento que era volupia e que era estranheza.

Borbulhavam, rolavam, passavam na orchestração desses sons os mais extraordinarios assumptos, os mais delicados themas de conversa-magica microcosmo em que se desenhavam espectros levantados num crepusculo de vetustas cristas, rondas somnambulas de imagens alvas, sombras cinereas de saudades e resurreições em debuxo de planos esmorecidos de pintura religiosa... Um mundo subjectivo, implacavel, de extase, por horas, mortas, em claustro de monjas.

Então sobre a visagem marmorea dessa enigmatica mulher transluzia uma alma, suas pupilas rebrilhavam num fulgor...

E, ellas, que ao principio eram incommodas pela fixidez e ron de invernia cerrada, se transformavam, satanicamente bellas, fazendo-se admirar na sua complexidade, no seu ideal conjunto, mixto de emathites e pó de ouro, densos de noite descida nos desertos e areia faiscante de plagas sonhadas, palhetas de esmeraldas e topasios, luminadas por clarões fugitivos ao esfusiar da calmaria equatorial, e prenuncios de auroras nos horizontes vastos dos paizes das Trovas e da Fabula.

E já toda ella outra se mostrava. Vinham-lhe a bocca os versos de Wilde como um revolver de perolas que sahissem de um coração sangrando; sonetos de Mallarme, serenos e mysteriosos como deuses de pedra na sombra roxa de um bosque; quadras de Samain que parecem escriptas sobre velludo negro com estylete de ouro candente...

Uma emoção esmerilhante de fino pó de rubis triturados, ruborisava um *lavis* daquarella, a brancura artistica de sua pelle . . .

Flammavam-lhe os cabellos num calor de fornalhas, havia não sei que delirante e illuminado no seu olhar.

Ella ardia! Assim vibrada, lembrava uma creação infernal nervosa: Venus dos histerismos, esculpida em marmore e vivificada pelo fiat de um genio maldito.

E para anniquilar, apagar a impressão causada, num bello gesto de artista, deixava as mãos cahirem sobre o teclado para a acordar num nocturno de Schubert ou numa sonata de Beethoven.

Lentamente a sua algidez esculptural sobrevinha, mas menos intensa, o bastante para que ella ficasse no meio tom das visões.

E suas mãos que a rua sempre vira enluvadas, tinham a alvura das gardenias, os dedos fusilados das virgens de Murillo, em cujas phalangetas roseas scintillavam unhas cortadas em nacar; pequeninas garras acariciadoras para rasgarem Sonhos.

Grupo de gentis senhoritas e rapazes foliões que tomaram parte na batalha de confetti e lança-perfume realisada na estação do Riachuelo

O piano cantava. A musica parecia envolvel-a, transformal-a aos poucos numa suave e pallida visão de amor infeliz.

Seu alto busto, em leve tecido esmaiadamente verde, ou com laivos quasi apagados de aguada roxa, no smorzo da tarde que se derramava, esboçava-se apenas, diluia-se numa poeira colorida de imagem evocada, a que a massa de seus cabellos ruivos dava o aspecto de uma recem-vinda de alem azul, trazendo por coifa a luz dos astros em formação.

E como se a harmonia dos sons viesse directamente da sua alma, fosse arrancada dos seus recessos, desuniam-se-lhes os labios, entreabriam-se-lhe os dentes, e da garganta rompia uma surdina de acompanhamento por vezes tão vuluptuosa e embaladora que se não poderia affirmar se era Ella quem cantava ou se algum anjo exul, invisivel e nostalgico.

Mas quando a grande lampada, pousada num brandão de metal polido e lavrado, resplandecia a sua chama sob o abat-jour de rendas carmezins, parecia que um encantamento mudara, com a rapidez de uma idéa, a sua imagem de ha pouco, em palpitante tentação de cenobita.

E logo, num gesto de afouteza, sacudindo a cabeça, fazia os cabellos desenastrarem-se, num jorro de erupção vulcanica... Enchia o ambiente um aroma de Serralho...

Dir-se-ia que a brancura nivea de seu rosto era feita da fragil porcellana imperial da China... tal reverberação lhe dava a flamma da sua cabelleira solta!

Na desenvoltura do movimento escapavam-se-lhe alguns botões do roupão e, favorecido pela trama das guipuras, ia-se o nosso olhar bisbilhoteando nudezas, lambendo a carne excitante da sua gorja, até a suavissima curva dos miudos seios de esteril, mais claros e mais macios que a nata fresca de uma queijeira do Tyrol.

Ella apercebia-se admirada e desejada, mas sabia ter a nimiedade da excitação : não consentia aos olhos mais do que o necessario para prejulgar, nem ao desejo senão o bastante para adivinhar.

Esquecia os botões escapados, a meia discreção das rendas, a mesquinha nudez do collo ; e indolente, despresando cobiças, menospresando tentativas, passava, corria os seus lindos dedos pelo teclado que estremecia, em arrepios sensuaes, ao terrivel contacto dessas pequeninas garras de amor...

E eram suspiros desabrochados entre esperanças e desenganos, cicios segredantes de rogos e promessas, surdos choques de beijos cheios de amor e gratidão, ou gritos violentos, arrebatamentos indomitos, uivos de crises passionaes, que volteiavam pela sala, a enchiam, a animavam com a palpitação intensa de uma forte vida humana, e compellia a expansão do instincto soffreado, instigando-o, inflammando-o.

Mas quando o gesto nos completava o pensamento, ainda que fosse no embaraço supplice de uma caricia, no arquear timido de um pretendido e meigo abraço, Ella paralysava a acção e annullava o arrojo com o simples enrestar de um olhar nos olhos de quem a cubiçasse, e o deixava tartamudeante, deslumbrado ao vel-a erguer-se, altiva e sorridente, lembrando o quer que fosse dum cysne em gruta de opala, toda ella garbosa e fina, egual na harmonia a uma arcada magistral que sobe em tremulo pela fiapagem sonora de um violino, egual no elance á silhueta fluida de uma santa que se ala da Terra num raio de luar das Lendas.

. . . .

Bem lhe coube, áquella mulher estranha, a singular alcunha com que o risonho espiritualismo dos Delicados a acclamou : Ella foi a sphingica, lavorada Estrophe Decadente. De facto, isso foi por sua perturbante originalidade e por seu incomparavel espirito...

Ah ! estupido olhar da Convenção, tu não sabias quanto era formosa essa mulher que julgavas feia !

Não comprehendeste sua belleza, porque a Sancção fez da tua visualidade um apparelho estreito e mediocremente sensivel, onde só se reflectem as imagens posadas segundo os dictames de velhas regras e usadas theorias.

O que é estranho, novo, nobre e grandioso, foge á tua apprehensão — tu fitas sem entender, tu percebes sem sentir, tal o olhar do ignorante com os mundos sideraes que elle confunde numa só forma e num mesmo brilho.

GONZAGA DUQUE

IMPRECAÇÕES !...

Porque nasci . . . porque nasci . . . Senhor?
Se nas maguas devêra me engolphar ! . . .
Porque me deste um coração piedoso,
E uma alma tão profunda como o mar ! ?

Traçaste meu caminho nas estrellas !
Mas, debalde, procuro o céo azul . . .
Que as fortes azas, que me deste, ó Deus !
Partiu-as o rijo vendaval do sul.

Quando busco librar-me nos espaços
Fugindo á pena acerba deste inferno ! !
— Algemada me vejo, e curto as dôres —
De um supplicio cruel, iniquo, eterno !

ADELINA SAVART DE SAINT BRISSON.

— Quantos annos me dá o senhor? pergunta uma senhora já madura a um cavalheiro.

— Eu ? Nem um, pois v. ex. já tem bastantes.

Recebemos o delicioso tango *Helicoide*, composição musical do sr. Alfredo Pessoa, distincto alumno da Escola Polytechnica desta capital.

CARTAS DE AMOR

II

Mimi.

ATE' hoje, querida, conservo indelevel a impressionante maravilhosidade daquellas palavras de ouro de tua carta perfumada e elegante, em cujas palavras a um proposito qualquer, em transporte de uma santa creança dizias: «Meu coração, querido, não se entrega pelo mais fabuloso thesouro, mas sim, em troca de outro coração no qual eu confie com a devoção, com a ardencia cheia de amor com que se confia em um grande Deus!»

Luz! Luz!

Sim, aquellas tuas palavras passaram pela minh'alma com se fossem astros numa vertiginosa carreira pelo céo de uma bella noite deixando uma fulgentissima esteira de luz! Ellas deixaram, sim, um magico rastro de luz dentro de mim, mas de uma luz de carinhos, de celestes promessas, de uma immensa doçura!

Já reparaste, por ventura nos sulcos luminosos que as bellas estrellas cadentes desenham no céo quando vôam numa velocidade de vertigem?

Pois bem, as tuas palavras foram estrellas que passaram pelo céo de minh'alma, havendo comtudo a differença de que o vinculo de luz das estrellas que vôam no espaço desapparece em alguns segundos, emquanto que as palavras de tua carta cheia de aroma e de graça, modelando phrases de ouro, fizeram com toda a força de sua grande fé gravar dentro de mim, amalgamada nas torturas da vida, um sulco luminoso doslumbrante, que jámais se extinguirá! Elle não se extinguirá, minha deliciosa Mimi; ha de brilhar para sempre como um grande astro ideal de luz purissima ao qual Deus abençoando destinasse illuminar os meus dias da terra!

Musica! Sublime musica!

Sim, minha casta amiga, aquellas palavras tuas cantam dentro de mim uma linda musica de balladas lindas, encantadoramente tristes, a lembrarem um bando de anjos pequeninos que baixassem do paraizo sorrindo, tangendo manicordios de ouro, soluçando melopéas dulçorosas, de uma triste saudade!

E ás vezes, no meu trabalho, no meio dos meus livros, fico perdido a scismar, a scismar, e então meu espirito sóbe até Deus, o dono de todas as vidas e lá, timido, pensando em ti supplica-lhe:

Perdôa-me, Senhor, se blasphemo, mas depois que a conheci, tão martyr e tão boa, foi que senti desejo de viver!

E em seguida, meu coração num deslumbramento apaixonado, murmura cantante, baixinho, bem baixinho:

Luz! Luz!

O' balladas tristes!...

Adeus...

Teu

OTSUGUA.

Ao alto o sr. capitão-tenente J. J. Guimarães, nosso amigo e illustre jornalista, hoje retirado das lides da imprensa; de pé, da esquerda para á direita: Maria Amelia Pereira e as senhoritas Alaide, Olga, Hilda, Judithe e Abigail Guimarães e Racine Pereira; sentadas: as meninas Irlandina Guimarães; e senhoritas Jenny e Leontina, filhas do general Viriato Cruz e a menina Diva Silva, posando para o *Jornal das Moças*

BEM CASADOS

Se não queres casar mal,
Casa com igual.

Não é necessario cavar muito, para achar a razão disto. A semelhança é causa de amor, e os bem casados devem ser

A pesar del amor — dos;
A pesar del numero — uno.

Todas as fórmas se introduzem nos sujeitos tanto mais suavemente, quanto mais proximas são as disposições para ellas. Casem primeiro as idades, as condições, as saudes e as qualidades; então casarão bem as pessoas: d'outro modo, já de antemão levarão o divorcio meio feito.

*

Muito tem que soffrer um consorte no outro, ainda quando a desigualdade não é muita; por isso se mandou abrir este epitafio na pedra sepulchral de dois casados.

Heus, viator, miraculum!
Hic vir et uxor non litigant.

«Olá caminhante, maravilha! marido e mulher aqui não brigam.»

Que será se ella fôr uma Abigail liberal e pendente, e elle um Nabal miseravel e nescio; ella uma Marianne virtuosa e leal, elle um Herodes impio e atraiçoado; elle um Socrates reportado e quieto, e ella uma Xantippe colerica e voluntaria? ou se houver outras notaveis differenças de que costumam entre os casados proceder as differenças, como se esperará aqui a paz e concordia de espiritos? Se até dentro da sepultura brigassem, não seria a primeira vez que brigaram os cadaveres e ossos de defuntos.

PADRE M. BERNADES.

Os arrufos entre amantes podem ser renovação de amor, mas entre os amigos são deteriorações da amizade.

BILHETES POSTAES

Ao Dorinho S.

Entre o amor do homem e o da mulher, ha uma differença enorme! Aquelle ama para se distrahir, para *passar o tempo*, como se diz; esta, ao contrario, ama verdadeiramente, e o seu amor é tão forte que a torna capaz dos maiores sacrificios afim de não perder aquelle a quem dedica toda a sua affeição.

O amor do homem é hypocrita; o da mulher, sublime e puro.

Ciumenta.

Botafogo.

Ao C. B.

O teu sorriso é o unico consolo para o meu soffrer.

Helena.

A' gentil Mariasinha.

Ingrata!... a recordação do passado é o que me mata; mas tenho um consolo que é a Esperança,—triste de quem não a tem.

T. de C.

A' toi.

Saudade!... Eis a palavra mais dolorosa para os corações que amam sinceramente.

Maryinha.

A alguem...

Quando io ho la felicitá de guardare i tuei occhi, me credo la creatura piu felice del mondo...

Etelvina Velloso.

Ao A. B.

Quando a amisade é sincera, nem a longa ausencia, nem o duro silencio podem destruil-a!

Josette Silva.

A J. G.

Assim como as ondas do mar vão esfacelar-se nos rochedos da praia, assim tambem meu coração, vae-se despedaçando com a incerteza do vosso amor!

Otnip Arev.

A alguem.

A maior offensa que poude soffrer meu coração foi o despreso do teu amor.

Zé G.

Alberto Torres, 12-1-915.

A'...

Doce e amado lyrio, esparge sobre esta fronte ardente o orvalho do teu sorriso: elle é como as perolas da noite que fazem florescer os proprios rochedos tristes. Baptisa o meu coração com essa ternura casta, para que advinhe o céo, achando se na terra.

R.

Rien ne m'a fait pleurer que ta froide indifference, rien ne me fera sourire avec une vraie joie, qu'un doux regard de tes beaux yeux...

Etelvina Velloso.

A A. F.

Assim como o orvalho dá vida a flor, quizera tambem gosar o teu affecto, para meu coração viver tranquillo e resistir a todos os soffrimentos!

P. Azila.

Rio.

A ti.

A esperança é o balsamo sublime para o coração que ama.

Dalena.

Para o album de quem eu sei.

Em meu coração existe e existirá sempre a imagem daquelle que outr'ora amei sinceramente.

A. L.

A alguem.

Na firmeza e nitidez do teu olhar eu leio facilmente a impressão mais profunda do teu coração.

Arussi.

Acrostico

A alguem.

Pa**P**oula
Gy**R**asol
Perp**E**tua
Ale**C**rim
L**I**rio
R**O**sa
Re**S**edá
Cr**A**vo

G. Roma.

Olaria, 18-6-914.

Ao J. J. A.

Ciume: companheiro da scisma! symbolo da amisade.

Scisma: atroz perseguidora dos amantes.

Aida S.

O amor é o oxigenio da vida de que a morte é o descanço.

Benzy.

A meu pae.

Recordação! E' a imagem que divaga em meu cerebro, trazendo-me tristes lembranças, do meu querido pae, que era o mais rico thesouro que eu possuia.

Julieta Granado.

Esperança:—E' a mais bella flôr colhida no jardim da existencia.
Lagrima:—Perola arrancada do coração martyrisado.
Vida:—Estrada de mysterios a desvendar.
Infeliz:—Naufrago que debate-se no mar da desventura.
Reza:—Oração que eleva o pensamento a Deus.
Amor:—Lyrio que só nasce no coração virtuoso.

Oçaglem.

Ver**A**o
Pri**M**avera
Out**O**no
Inve**R**no

A' Elvira.

Os teus olhos são os guias leaes da minha vida.

Quando de ti estou auzente, a saudade apodera-se do meu coração e matal-o-ia se não fosse a «Esperança».

Oçaglem.

Acrostico

Ama
Lyrio
Violeta
Açucena
Resedá
Orchidéa

Begonia
Rosa
Amor-perfeito
Saudade
Ixia
Lilaz.

A. S.

Campos—E. do Rio.

A Egas Mendonça.

Distante de um bem que adoro,
Meu amor não faz mudança
Por mais ausente que eu viva
Sempre o trago na lembrança.

Morena do Norte.

A' gentil Zita Vasconcellos.

Cry **S**anthemo
Zin **I**a
Hor **T**encia
Marg **O**rida.

Fausto.

Tijuca, 11—12—914.

Carta Intima

(*Celso Lucio*)

Pedes-me que te aconselhe, ó caro amigo,
sobre o desejo de mudar de estado,
e preferes saber o que te digo,
porque, além de sincero, sou casado.
Trata-se, pois, de uma questão bem seria.
Ha contra e pró innumeras rasões,
e por não se tratar de uma pilheria,
em grave entaladella tu me pões.
Si outra fosse a pessoa a dar resposta,
que não o velho amigo e camarada,
escreveria o que a ninguem desgosta,
e dava a cousa assim por terminada.
Mas tu és mais que amigo, és meu irmão.
Que não quero enganar-te, está patente,
e para não te dar conselho em vão,
fazes-me reflectir maduramente.
O casamento é praça sitiada,
conforme opinião bem conhecida:
os de fóra, suspiram pela entrada,
os que de dentro estão, pela sahida.
Si casar é nocivo ou vantajoso,
mil vezes com calor foi discutido,
mesmo depois do enlace, o que é ocioso,
visto ninguem se dar por convencido.
« Casar-se, já grande orador dizia,
(em termos que o que casa ora abiscoite)
« é ter o mau humor por todo o dia,
« e em troca, os maus humores toda a noite. »
Outro, « que era formar ninho amoroso,
« pois não ha sorte assim tão verdadeira
« como o destino, adverso ou venturoso,
« compartir com a doce companheira ».
E si essa companheira, que arranjaste,
em vez de compartir gosos e dores,
faz que odeies o dia em que casaste,
augmentando-te as pennas e amargores?...
Queres conselhos? Não, pelos meus dias!
pois tudo o que disser, julgo imprudente;
mas si queres seguir-me as theorias,
vou dizer tudo e o mais sinceramente.
O casar-se! Parece surgir disso
acto que a especie humana activa e sélla;
é como si, ao nascer, por compromisso,
devesses te arrojar pela janella.
Que importa o pouco que a finura teça
si a muitos a impressão reduz a loucos?...
Ha quem fique doente da cabeça,
alguns salvar-se logram, mas bem poucos!
E si assim mesmo, filho, te casares,
mostra-te desta vez de animo forte,
pois si tarde ou bem cedo te arrojares,
emquanto o salto dás, verás a sorte.
E si após o perigo dessa *cousa*,
conseguires salvar-te, nada véda
que me deixes beijar os pés da esposa
e saber si arranhões houve na queda.

SYLVIO.

EM JUIZ DE FÓRA — Grupo tirado especialmente para o «Jornal das Moças»

MÃE!

An angel is like you;
and you are like an angel.

SE existe na terra, ente mais digno de nossa estima e veneração é sem duvida uma mãe! Palavra sublime que soará eternamente melodiosa aos nossos ouvidos! Mãe! admiravel balsamo que mitiga todas as dores do coração! Mãe! sublime resumo de todos os carinhos e affectos! Mãe! symbolo sacrosanto de todos os sacrificios feitos em silencio, de todas as delicadezas da alma, de todos os sentimentos mais puros e desinteressados! Mãe! martyr sagrada, que immola-se, sem interrupção, no altar do amor timido e extremoso! Mãe! estrella protectora no mar tempestuoso da vida! Mãe! coração docil como o mel, e forte como o diamante!

Mãe! meigo e ineffavel nome!

Rio, 12-12-914.

ALEXANDRINO M. DE OLIVEIRA.

EU E A MORTE

Quem és tu.? Eu sou a morte
O que queres.? Consolar-te
Mas porque.? Vi teu tormento
Onde, quando.? Em toda parte.

Nelle cres.? Se choras tanto!...
Porque soffro? Já suponho.....
O que.? Temor da miseria.
D'ambição desfeita em sonho.....

A perda de um ente choro...
Illudes-te! nada d'isso...
Seja o que for, o descanço
Garanto-te, a meu serviço.

Mas se eu gemo inconsolavel
Em pura affeição trahida!
Então não!. Para taes dores,
Perdura na campa a vida.

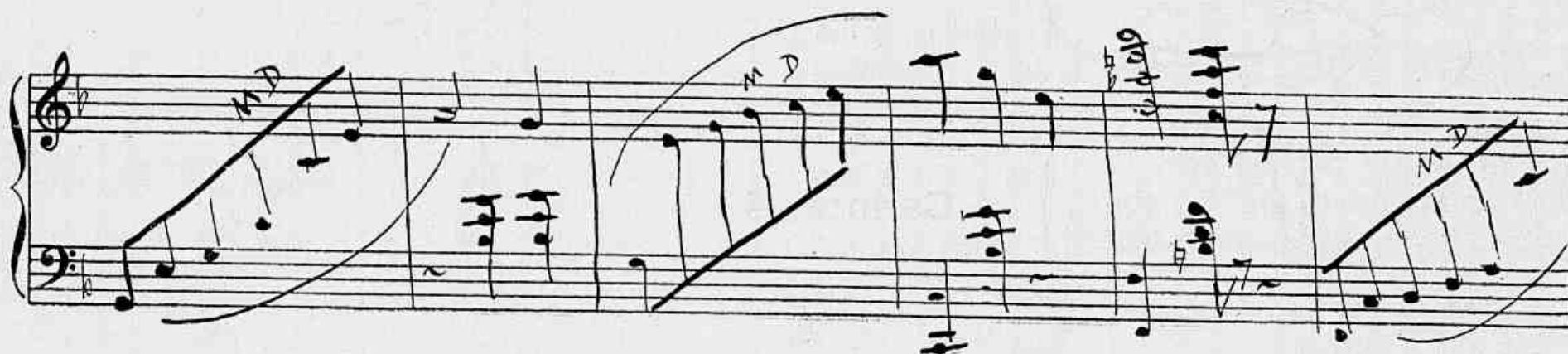
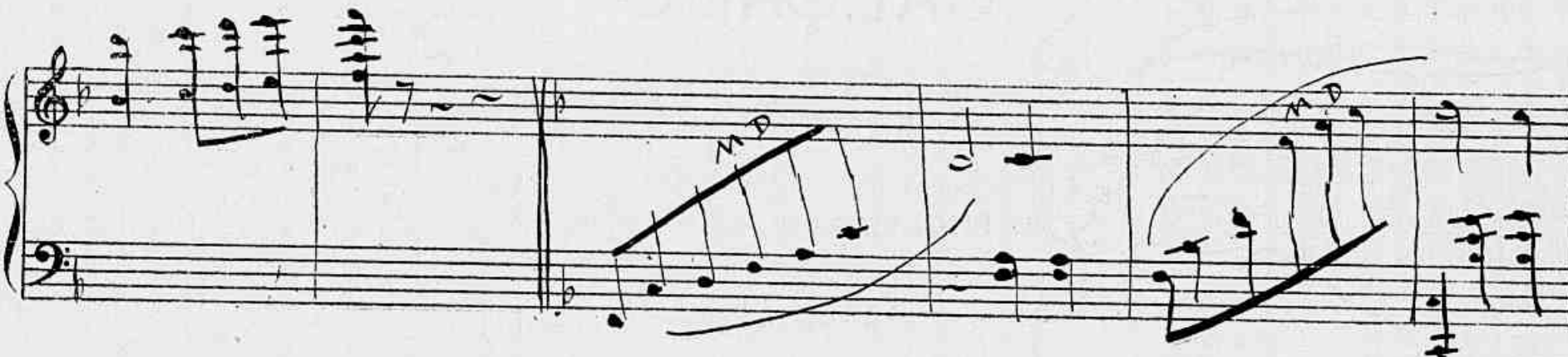
CARMELIA. (C. C. S.)

Nictheroy.

ECHOS DE AMOR

VALSA

Por Soares Dias

A' minha esposa

NOVIDADES MUSICAES:

Edú Neves — *Pierrot e Colombines*-walsa	1$500
Alberto Motta — *Gorgeio dos Passaros*-schottisch .	1$000
J. Bulhões — *Sapéca-polka*	1$000
E. Braga — Leonor — schottisch	1$000
Costa Junior — *Corta-Jaca*-tango	1$500
Americo Lima—Com amor não se brinca — schottisch	1$000
Luiz M. Correia — *Capanga*-one step	1$500
Constantino Filho — Essencia d'alma-walsa	1$500

Correspondencia do "Jornal das Moças"

MME. AMELIA NAPOLI — Acceitamos, com grande prazer.

EVANGELINA A. CUNHA—Temos muitos trabalhos de nossos amaveis collaboradores e não nos é possivel contentar a todos ao mesmo tempo. Já publicamos um trabalho de v. exa. e estamos aqui sempre ás suas ordens.

ANTONIO RELLO LOBO—Tenha paciencia e desculpe a demora.

EURICO F. PORTO—Estamos muito gratos as suas amabilidades e procuraremos correspon 'er.

A. . .—Recebemos sua carta e agradecemos os seus conselhos. Affirmamos porém, ao bom amigo, que damos a maior attenção na confecção desta revista, que, destinada ao bello sexo, tem naturalmente de occuparse de cousas de amor, mas sem malicia e em linguagem sã, sem expressões rebarbativas. Com o tempo virá o que o amigo deseja.

D. SILVA—O seu soneto *Evocação* não está máo, mas não convem para o *Jornal das Moças*.

HELO LIMA—A sua poesia *Anoitecer*, não pode ser publicada.

ALZIRA LEAL—Mande producções suas. Já temos publicado alguns trabalhos enviados por v. exa.

ALICE D'ALBUQUERQUE—Queira acceitar os nossos agradecimentos pela subida honra que concedeu a nossa modesta Revista.

MARCIANO M. C.—Muito longo o seu trabalho e não temos espaço e tempo para fazer os retoques de que necessita.

MAGNOLIA TRISTE—Mande-nos agora producções menos repassadas de scepticismo e descrença. Coração a larga que. . . o carnaval vem perto. . .

NINI—Não pode ser; é lugubre de mais.

MARINETTE—Muito pessoal o seu trabalho *Lagrimas de Amor*. Publicaremos o retrato. Sempre ás ordens.

LYA D'ALVA—A sua *Confidencia* não pode sahir. Estão fracos os versos e o ultimo fórma um cacophato muito desagradavel:

Scismando

Oh! triste e pallida lua! Tu que volteias indifferente no espaço, és feliz bem feliz porque desconheces os supplicios da humanidade, desconheces os seus prazeres e as suas lagrimas, seus delirios, suas illusões.

Finalmente és feliz porque ignoras a crueldade desta vida onde os mortaes cumprem fatalmente a sua sentença!

Oh! sim, eu invejo a tua tranquillidade, a tua ignorancia!!!...

. . . .

Noite!... Tudo é silencio! A lua como uma borboleta branca, vagarosa invade o campo azul do firmamento, marchetado de brilhantes! Tudo dorme, nesta hora e só ouço o pulsar do meu coração que pulsa por ti, só por ti! A brisa abre as azas perfumadas por entre a paisagem sem fim! Eu, triste e só, com os olhos fitos no firmamento, contemplo as estrellas, penso em ti, e em nosso amor.

Como é doce rememorar o passado... interrogar o empyrio onde palpita uma estrella... suspirar baixinho!...

Recordar-se de alguem, que está longe de nós, que talvez vele tambem, contemplando o mesmo céo, enterrogando a mesma estrella...

Saudades... saudades!!!...

ITAGON.

As torturas de um inglez

Mister John bebia os ares pelos pontos reconditos e campestres, quando veiu ao Brazil logo ficou deslumbrado pelo silencio e pelo bucolismo da Tijuca. Assim resolveu tomar aposentos em um dos seus grandes hoteis.

Do seu commodo todo rodeado de janellas, descortinava-se uma rede de hortas, com as suas rumas de exterco a curtirem ao sól. A' noite costumava lêr os jornaes todos da sua terra, conservando acesa a véla até altas horas.

Attrahidos pela luz os mosquitos, vinham de continuo zumbir aos seus ouvidos. O inglez depois de ter fitado os importunos insectos, levou a mão á campainha para chamar o creado, a quem pedio-lhe arranjasse um novo aposento, pois não podia supportar, no que occupava, aquellas cordas de viola desafinadas nos ouvidos.

O creado promettendo tomar providencias, objectou:

O senhor costuma ter acesa a véla, e esses demonios gostam muito da luz, mas se fizesse a escuridão no seu quarto eu garanto desappareceriam como que por encanto.

O inglez acceitou o conselho. Continuou no mesmo quarto e atirou pela janella abaixo o castiçal. Com a escuridão logo começaram a entrar uns outros noctivagos, os vagalumes. O hospede começou a observar o grande exercito dos novos intrujões e subito entrou outra vez a chamar o creado:

—Ha pouco com luz eu era visitado por *estes bichinhas,* agora sem ella *estes bestinhas* vão para o campo e voltam para o meu quarto de lanternas.

Pedio a sua conta, e nessa mesma noite tomou aposento em um outra hotel.

Humberto, filho do sr. Rosalvo Dionysio

Senhoritas Guilhermina e Iracema Cobra, residentes em Bananal — S. Paulo

DUAS FOLHINHAS

Para o poeta Carlos Maul

Lançaram-me hoje ao despreso,
sem o meu block, sem nada,
porque estou suja e sem brilho,
velha, feia e desbotada.

Partiram-me em dous pedaços...
A pés vou sendo pisada;
e, no emtanto, um anno faz
que fui tão apreciada!

Hoje és tu a predilecta...
Teus brilhos são tentadores!
Mas não te ufanes, louquinha,
que são fingidos amores...

Hoje és bella, és preferida...
O futuro a Deus pertence!
Com o tempo apparece outra,
que o teu attractivo vence...

Portanto, deixa de orgulho,
desiste desse sorriso,
pois muitas vezes ao Inferno
regressa-se do — Paraizo!...

ARMANDO VERÇOSA.

ESPERANÇA

A Esperança é a flôr que alimenta o coração dos crente, é o salva-vida do espirito acorrentado por sobre o mar encapelado da existencia.

E' a estrella que nos serve de guia nas noites tempestuosas da vida.

Se não fosse essa estrella, essa luz amiga, que brilha no mysterioso céo do futuro, não sei o que seria de nós, entes fracos, para atravessar essa treva eterna de mysterios.

Oh! Como é encantador pronunciarmos essa palavra: — Esperança; se é ella que vôa sobre os castellos e as miseras choupanas; que consola os corações afflictos; em que depositamos toda a confiança em nosso futuro; emfim é o sentimento que não desampara os infelizes.

Na luta titanica em que passamos na vida, neste mundo injusto em que a ingratidão dos máos campeia, é a Esperança o unico lenetivo que conforta, que anima, que leva o balsamo ás feridas dos nossos corações.

OÇAGLEM.

Sabemos todos dar melhores conselhos do queexemplos.

Enlace Neuse Gluck—Baroncio Guerra

VICTORIOSA

O poeta bahiano Plinio Borgéco, como propaganda a um romance em preparo com o titulo de *Victoriosa*! acaba de publicar uma collecção de XXIV sonetos, descripticos de todos os encantos que exornam a maravilhosa creação artistica do seu intellecto de romancista, tendo a gentileza de vir pessoalmente offertar-nos um volume.

Confessou-nos o autor que não imprimiu ao trabalho poetico a mesma exhuberancia de imagens, a mesma elevação de pensamentos e os mesmos primores do estylo, que está fazendo quanto ao romance em elaboração.

Do bello volume conseguiu prender-nos mais a attenção o soneto — *Tua bocca* — que a falta de espaço nos obriga a adiar a sua publicação para o proximo numero.

Muito gratos pela fidalguia do movimento de delicadeza que teve para comnosco com o offerecimento de suas primeiras locubrações poeticas.

MODAS E MODOS

O carnaval se approxima. Estão perto os dias consagrados á folia, á loucura, ao Deus Momo.

Já se travam renhidas batalhas de confetti e lança-perfumes. E' este, portanto, o assumpto obrigatorio, a idéa que empolga a todos nesta formosa metropole.

Não nos sentimos com energia bastante para fugir ás influencias do meio; assim temos que falar tambem do Carnaval.

No numero anterior offerecemos ás nossas leitoras, em uma pagina — Modas Carnavalescas —, algnns modelos de phantasias graciosas que suppomos terão agradado.

Hoje apresentamos novas e variadas phantasias que esperamos ver figurar nos salões dos clubs elegantes, em que as familias da nossa culta sociedade se divertem nos tres dias consagrados á festa mais popular deste paiz.

Muitos desses modelos prestam-se, admiravelmente, para organisação desses grupos de encantadores senhoritas, que, em sorridentes caravanas, a pé ou em viaturas, dão expansão á viva alegria de suas almas juvenis.

Toilette de cerimonia para recepções, theatro ou baile, um dos ultimos modelos da afamada casa Buterick, de Paris e Londres

Graciosa phantasia para o carnaval deste anno

Não vemos inconveniente algum nesses folguedos que o carrancismo de nossos antepassados veria com máos olhos.

Temos apenas a aconselhar ás nossas gentis patricias que evitem o uso da mascara, não só pelos inconvenientes que pode trazer, como tambem, e isto é mais importante, privar os observadores de apreciarem os encantos e a belleza das suas physionomias.

E si quizerem uzar mascaras prefiram as meias mascaras, pretas de seda ou velludo.

AMELIA.

MODAS CARNAVALESCAS

Para o Carnaval de 1915

Cumulo da parcialidade!

— Não namores aquelle rapaz de cabellos louros, porque é allemão.
— Não mamãe, elle é alliado, tem os cabellos russos.

Historia do Brazil em poucas palavras

POR WLADIMIR PEREIRA

Proclamação da Republica

A 15 de Novembro de 1889 uma revolução feita pelo povo, exercito e armada, confraternizados, derrubou as instituições até então existentes e estabeleceu nova fórma de governo. Foram principaes chefes desse movimento os marechaes Manoel Deodoro da Fonseca, Floriano Peixoto e o tenente-coronel dr. Benjamin Constant Botelho de Magalhães. O descontentamento que lavrava em todas as classes sociaes, principalmente no exercito, e a propaganda republicana habilmente implantada no coração dos brazileiros pelo manifesto de 1870, foram as principaes causas que levaram esses illustres cidadãos a se empenharem em tão arriscado emprehendimento.

Perfeitamente combinados todos os passos da revolução, a tropa, tendo a frente o marechal Deodoro, sahiu dos quarteis na madrugada do dia 15 e foi se postar diante da Secretaria de Guerra, ficando o campo de Sant'Anna occupado pelos batalhões do exercito.

O ministerio, reunido resolveu pedir sua demissão sendo nesse sentido expedido um telegramma para Petropolis, onde então se achava o Imperador.

O ajudante general sahiu da secretaria para communicar ao marechal Deodoro a resolução dos ministros e mandou abrir o portão ao marechal, que, penetrando no quartel foi recebido no meio das acclamações da força alli postada, com a qual voltou de novo ao campo, hoje praça da Republica entre flores e alegrias, sendo ahi recebido com ovações. Instantes depois a artilharia fazia echoar uma salva de 21 tiros. Estava victoriosa a revolução e proclamada a Republica no Brazil, sem o derramamonto de sangue.

Guiomar e Maria
filhas do sr. Rozendo Diogenes Pinheiro,
residentes em Quixadá—Ceará

Historia de um pequeno que não quiz aprender a ler

Ernesto jámais quiz aprender a ler, será infeliz toda a sua vida.

Quando era ainda pequeno entrou num jardim para colher flôres; na entrada do jardim havia uma taboleta com este aviso: «Ahi ha laços para lobos.» Ernesto não poude ler, entrou no jardim e começou a colher as flôres despreoccupadamente, mas de repente, tanto fez, que ficou preso no laço feito para apanhar os lobos, e começou a chorar e a gritar, e assim ficou muitas horas seguro, até que veio o jardineiro para soccorrel-o e elle foi obrigado a ficar de cama muitos dias.

Ernesto não poude ler uma carta de sua mãe

Quando Ernesto ficou moço seus paes mandaram-no para a cidade para aprender um officio qualquer. Elle queria escrever a seus paes mas não podia por não saber escrever.

Um dia o carteiro trouxe-lhe uma carta que sua mãe lhe tinha escripto, Ernesto quiz saber o que sua mãe lhe dizia mas como não sabia ler tinha que dar todas as cartas para seus camaradas lerem.

Ernesto não sabia ler os nomes das ruas

Outro dia seu patrão deu-lhe uma commissão a fazer nas ruas da cidade e disse-lhe quaes as ruas por onde elle tinha que passar, para ir ter á casa indicada.

Mas Ernesto não sabia ler os nomes das ruas, perguntou mais de vinte vezes os nomes das ruas e perdeu com isto muito tempo, voltou muito tarde, gastando mais tempo do que o necessario para o desempenho da commissão.

Quando elle voltou á officina seu patrão lhe disse:

— Veja! ha duas horas que partiste e nada fizeste e sómente precisavas de meia hora para ir e voltar. Em que perdeste tanto tempo?

Ernesto explicou-se.

— Tu és um pequeno analphabeto e assim não me serves.

Ernesto ficou vexado, abaixou a cabeça, sem nada mais dizer. Quanto arrependimento tem elle de não ter estudado.

(Trad. do menino Marcilio Dias).

AS LAGRIMAS DE UMA MÃE

(Octave Charles Galtier)

ERA a ultima casa da cidade e a mais silenciosa. Escondia-se toda branca sob dois olmeiros amarellecidos que o outomno desfolhava. Apesar da bruma fria desta manhã de outubro, uma figura anciosa de mulher apparecia numa janella meio aberta. Sob os seus cabellos grisalhos que o vento agitava, os olhos febricitantes aguardavam a incerta chegada de alguem.

O carteiro parou.

— Eu não tenho nada para vós, disse elle num tom compadecido. E alçando os braços, acrescentou, afastando-se:

— E' preciso não desanimar, Mme. de Rouvray... ha ainda esperança.

A interpellada teve um estremecimento. Suas mãos emagrecidas se juntaram nervosamente, emquanto que do fundo de seu peito subia um soluço.

— Meus Deus, gemeu ella, agora é demais a provação!

Por espaço de quasi dois mezes, diariamente se renovava esta scena rapida, cujo fundo tragico quasi mudo a fazia augmentar consideravelmente.

Viuva de um administrador das colonias, morto no curso de uma inspecção, no Alto-Tonkin, Mme. de Rouvray viera ha longos annos abrigar sua magua nesta calma solidão e conservar piedosamente a lembrança do esposo desapparecido.

O tempo tinha pouco a pouco transformado sua grande dor em tristeza resignada, graças sem duvida aos cuidados da educação de um filho. Ella o queria duplamente, como meio-orphão e porque elle viera depois de longo tempo de casamento, quando ella não esperava mais uma tal felicidade.

Não tivera para educal-o e dirigil-o na vida senão mediocres rendimentos, mas ainda assim lhe parecera grato o seu sacrificio pelo futuro do pequeno Jacques.

Elle recebera della suas primeiras lições, porém sua viva intelligencia pouco a pouco esgotou o saber maternal, pelo que o menino procurou os mestres mais sabios.

Afim de não se separar do estudante, Mme. de Rouvray fecha sua casa e vem habitar a cidade onde o rapaz encetou a vida collegial.

Serio e applicado, elle foi a honra de sua classe, fazendo brilhantes exames.

Seus estudos terminados, decidiu-se elle pela carreira de advogado. Seu espirito methodico e penetrante, sua palavra clara e persuasiva augurava-lhe um feliz successo nesta carreira.

Aos vinte annos, segundo a sorte commum dos adolescentes a quem não opprime nenhum fraco, elle parte para completar seu serviço militar, retirando-se de novo Mme. de Rouvray para sua pequena habitação de campo, disposta a supportar, com coração resignado, a solidão e os achaques da velhice.

Mas eis que uma terrivel incerteza vinha abalar sua coragem. Um desses infortunios, para os quaes não ha consolo possivel, paira sobre sua casa. Ha mais de um anno Jacques era soldado e a sorte tinha designado o seu batalhão para a campanha de Marrocos.

Esta noticia affligira sobremodo Mme. de Rouvray, mas, por patriotismo, occultara as suas apprehensões. Depois, esses seus temores secretos foram acalmando-se um pouco com a leitura das longas cartas cheias de enthusiasmo que Jacques lhe enviava com uma escrupulosa regularidade. Ella as sabia de cór e muitas vezes declamava para si mesma as phrases que mais lenitivo traziam ás suas saudades e aos seus receios.

«Não é preciso assustar-te, mamãesinha, escrevia elle quasi sempre. Nossos trabalhos não são nada excessivos e as armas de nossos inimigos são pouco para receiar.

Nós não entramos em verdadeiros combates: tudo se reduz a escaramuças e a perseguições do inimigo. Nossos officiaes dão-nos o exemplo da coragem e do bom humor. Nossa existencia aventurosa não é sem encanto e eu não teria motivo algum de queixa, si não estivesse privado de te ver, e si eu te soubesse livre de cuidado sobre o meu estado presente...»

Mme. de Rouvray acolhia a doçura dessas palavras, mas muitas vezes dizia a si mesma que Jacques as escrevia para tranquillisal-a e que elle encobria com calculado designio os soffrimentos e os perigos passados.

Ella era agora perseguida por crueis delirios da imaginação e evocava as longas marchas debaixo do sol torrido da Africa, os supplicios da fome e da sêde, as noites passadas ao relento, atirados por terra e as rondas temerosas pelas sombras nocturnas povoadas de emboscadas mortaes. E se Jacques escapasse aos golpes do inimigo, não seria elle abatido pelas privações e pelas febres?

A's vezes, os jornaes a confundiam, quando ella lia as resistencias de certas tribus bellicosas, seus ataques ferozes e seus actos de barbaridade para com os prisioneiros e feridos.

No meio de suas lagrimas, as cartas de Jacques chegavam como mensageiras de esperanças e de vida. Mas os menores atrazos faziam resurgir os temores adormecidos e lançavam Mme. de Rouvray em profundos e tristes presentimentos.

Varias semanas se tinham passado sem que a mais simples missiva lhe chegasse ás mãos!

Dia a dia, numa anciedade crescente, sua esperança se ia esgotando. Ella escrevera diversas vezes a Jacques e para diversos logares. Chegara mesmo a endereçar cartas ao departamento da Guerra em Pariz. Mas seus pedidos demoravam sem resposta. E debaixo

do peso desse silencio que se ia prolongando indefinidamente, seu rosto se cavava e suas espaduas se curvavam miseravelmente.

II

Ainda uma vez, nessa manhã, alli agarrada a uma esperança sempre fugitiva, ella espera anciosa e pallida, a chegada do carteiro. Este passa, fazendo um gesto vago e uma vez ainda a pobre mãe torce seus braços com surdos gemidos. Mas immediatamente alguem bate á porta. Alto funccionario da povoação apresenta-se com uma attitude solemne e embaraçosa Estava mais bem vestido que habitualmente. Approxima-se de Mme. de Rouvray, com rosto rude e grave, pronunciando palavras cujo sentido era obscuro. A velha mãe não adivinhava senão vagamente.

— E' por causa de meu filho que vindes aqui? disse ella.

E accrescentou em voz mais baixa:

— Elle está ferido, não é verdade?

Como o homem não respondia nada, ella toma um enveloppe que elle tem á mão e no qual lê estas palavras: *Ministerio da Guerra*, impressas em grossas lettras negras, verdadeiros signaes de luto. Abre-o e seu olhar, como que encoberto por um véo sombrio, não distingue mais que estas palavras esparsas:

«. . . Colonia de occupação . . . ao sul de Meknés... ataque de uma tribu dos Zaer . . . Jacques de Rouvray morto no combate.»

Livida, deixa cahir o papel. Seus olhos fecharam-se. Sem um grito, sem um soluço, ella esconde seu rosto entre as mãos, emquanto que o triste mensageiro desapparecia...

Ella viveu muitos dias numa morna e triste estupefacção. Seu luto cruel e mudo parecia não comprehender as consolações que a importunação do vuigo murmurava em torno della.

Os sentimentos mais sinceros a deixavam indifferente e de seus olhos fixos nem uma lagrima corria, tanto o soffrimento crucificava seu coração.

Por vezes ella permanecia immovel e fria, como insensivel, depois, soluçava uma rouca lamentação.

Incessantemente uma imagem pungente apresenta-se aos seus olhos: Jacques ferido que a chamava e lhe estendia os braços. Ella o via expirar abandonado de todos: seu bello rosto manchado de sangue, inclinava-se e seu corpo agitava-se sobre a arêa ardente.

Esmagada sob o peso do infortunio, um só desejo, não mais viver, a perseguia. Nenhum bem a prendia mais á terra, agora que seu filho já não existia. A vida não podia de hoje em diante offerecer-lhe outro bem senão a morte . . .

Que fizera ella para ser tão duramente castigada?... Humilde e fiel, não se conformara ella sempre aos preceitos christãos? Porque Deus tomava seu filho e a deixava alli tão velha, tão só e tão cançada? A ella não era mesmo dada a consolação de saber o que era feito do corpo de seu filho! Muito além dos mares, onde repousava elle debaixo desse céo longinquo? Um pouco de terra o cobriria sómente e uma simples cruz de madeira marcaria o logar de seus restos para pedir uma oração ao caminhante! . . .

Sob a tortura dessas lembranças crueis, Mme. de Rouvray, concebera uma surda revolta contra a Justiça infinita que deixa realisar-se tão terriveis cousas. Em sua alma atormentada um tal sentimento entrava pela primeira vez e, longe de a afastar de sua afflicção, a precipitava em um mais profundo desespero.

Meio morta, entregava-se ás vezes á doce consolação de rever alguns objectos que lhe ficaram, pertencentes ao morto querido. Avidamente contempla seus retratos e lê cadernetas desbotadas pelo tempo. Depois desdobra roupinhas já encardidas. Mas entre estas mo destas lembranças, ella descobre, cuidadosamente embrulhada, uma fita branca com franjas douradas. Esta preciosa reliquia que evocava um dia radiante de innocente e fervor religioso, parecia lançar no quarto uma suave claridade.

— Como eu era feliz, murmurou a pobre mãe, quando lhe colloquei no braço esta fita! O' meu filho como era candido e lindo!

Mas na consoladora vertigem dessa emoção, a cujo influxo se sentia como que desfallecer, o seu coração de mãe era dominado pela ternura e a sua immensa dôr chegava finalmente á suave placidez, á enervante doçura das lagrimas. Estas corriam abundantes por suas faces e quando a onda, por ellas formada, cessou, Mme. de Rouvray sentiu-se livre do sombrio horror do desespero e da revolta intima. O pranto tinha purificado o que havia de feroz e tenebroso em sua desolação.

— «Senhor, disse ella, que vossa vontade seja feita e não a minha. Minha alma mortificada submette-se aos vossos designios impenetraveis.»

Calma e quasi forte, ergueu-se e sahiu. Ia renovar, perante a egreja, a sua acquiescencia á vontade divina.

Atravessou a humilde capella e ajoelhou-se diante á grade do côro. No altar resplandescente a brancura do linho e, nos vasos, os feixes de espigas de ouro brilhavam suavemente. A vaga claridade do alampadario oscillava na sombra.

Mme. de Rouvray abysmou-se numa ardente prece.

Depois, abrindo a Biblia, começou a meditar nestas palavras: « . . . Aquelle que não toma a sua cruz e não me segue, não vive de accordo com a minha lei . . . »

Invisivel, uma musica era tocada ao orgão e sua lamentação lyrica embalava a adoração prosternada de M.me de Rouvray.

— «Meus Deus, murmurou ella, eu vos offereço a minha resignação, afim de que recebaes meu filho em vossa misericordia!

«Por vossa ordem eternal, Jacques tombou por terra, em serviço da patria, sob um céo de fogo, longe da mãe querida.

«A' sua ultima hora, os signaes do perdão supremo não surgiram em sua face nem em seu peito, mas vós, para quem basta um simples signal de arrependimento, o acolhereis sem duvida em vosso reino.

«Vós que nos separastes aqui na terra, fareis certamente que nos encontremos um dia lá nas alturas. Eu imploro, Senhor, a vossa misericordia e, prestes a carregar minha cruz, ergo para vós . . . »

As sombras da noite enchiam de suave escuridão a nave da capella.

E comquanto abatida, mas pacificada pela uncção, Mme. Rouvray tomou o caminho de casa, aos primeiros sons da Ave Maria, tão puros e saudosos, nesse entardecer da aldeia, que vibravam no coração da desditosa mãe como o echo de uma grande promessa de misericordia e de resurreição.

GRAZY.

❋ DE TUDO UM POUCO

Para se lavarem meias de côr

As meias de côr dão algum incommodo para se lavarem por causa de largarem a côr. Para evitar isto não se deve usar soda nem sabão mas sim collocarem-se as meios dentro duma boa espuma feita de sabão, em pó e agua tepida. Só os pés das meias devem ser esfregados e o resto delicadamente apertado dentro da agua.

Depois lavam-se bem em agua tepida e finalmente deixem-se ficar durante um só minuto dentro d'agua á qual se juntou uma mão cheia de sal de cozinha. Dependuram-se para seccarem num logar arejado mas á sombra porque o sol ou luz muito forte destroem o colorido.

Para destruir as lagartas

Duas libras de therebentina fervida em seis libras de agua é um excellente meio para destruir as lagartas que dão nas couves e em outras plantas das hortas e jardins.

Borrifam-se as folhas com esta solução depois de esfriar, pelas quatro horas da tarde.

Outro processo mais barato e não menos efficaz é o seguinte. Deite-se umas doze libras de fulligem de chaminé em vinte litros dagua; mistura-se bem e deixa-se durante quarenta e oito horas; ajuntam-se então dez litros de agua fervendo e meio kilo de acido sulfurico.

Borrifam-se as plantas atacadas pelas lagartas com este liquido de dois em dois dias, por espaço de uma semana.

Com este processo destroem-se as lagartas sem causar damno ás plantas e pode igualmente applicar-se ás arvores para destruir os bichos e parasitas que se lhes pegam e as fazem definhar. Com uma seringa de folha faz-se facilmente applicação do liquido sobre as plantas ou arvores.

As propriedades do sal

Um pouco de sal collocado no forno evitará que os fundos dos taboleiros de folha se queimem.

Uma pitada de sal junto á gomma evitará que o ferro de engommar se pegue á roupa.

Um pouco de sal deitado sobre as brazas quando se grelhe peixe ou carne evitará chammas repentinas quando a gordura lhes caia em cima.

O sal em solução inhalada cura constipações de cabeça.

Agua com sal é excellente para banhar pés delicados.

Uma pitada de sal collocada debaixo da lingua estancará o sangue do nariz.

A agua salgada é excellente para limpar tapetes japonezes.

O sal remove as manchas das chavenas descoloridas.

Sal deitado sobre tinta entornada nos tapetes, ajudará immenso para apagar as manchas.

Sal deitado sobre o lume quando este esteja fraco, avival-o-ha immediatamente.

Nodoas de tinta

Para apagar nodoas de tinta sobre panno de lã ou outros materiaes identicos, esfrega-se a nodoa o mais cedo possivel com agua de Colonia.

A conservação da belleza

Uma das bellezas mais celebres do mundo assignalou alguns detalhes importantes dos quaes toda a mulher deve ter conhecimento. Os seus conselhos são:

Não comer demasiado.

Não morder os labios.

Não ler numa casa mal illuminada.

Não tomar banho numa casa fria.

Não passar muitos dias sem sahir.

Não adquirir o mau costume de curvar os hombros.

Não fazer gestos quando fallando.

Não deixar de lavar os pés todas as noites.

Não andar com um hombro mais levantado do que o outro.

Não usar luvas ou sapatos muito apertados.

Não sahir immediatamente depois de lavar a cara.

Não esquecer que a saude é a base da belleza.

Alem destes conselhos, falla da importancia que tem o cuidado com os olhos os quaes são ameaçados por dois grandes perigos: a fatiga e a poeira.

Para evitar o primeiro, prohibe em absoluto a leitura á luz artificial ou nos comboios ou em qualquer outro meio de conducção, e para o segundo aconselha a que se lavem duas vezes por dia, com agua de rosas. Tambem recommenda que durante o dia se deixem repousar os olhos, fechando-se de quando em quando para evitar a sua continua tensão e fatiga.

RECEITAS

Pudim de nata — Em uma sufficiente quantidade de nata, deita-se uma duzia de gemmas de ovos, quatro claras, canella em pó, casca de limão ralado, meio kilo de assucar, e bate-se bem; junte-se depois aos punhados de farinha e bate-se de novo. Unte-se uma forma com manteiga, cobrindo-se o fundo com papel manteigado, deite-se dentro a massa cobrindo-a com canella em pó; leve-se ao forno com fogo brando e, depois de ter tomado a devida consistencia, deixe-se esfriar e sirva-se.

Bolo de arroz — Duas chicaras de fubá de arroz, dois ovos, uma chicara de leite, uma colher de manteiga, uma colher de gordura.

Bate-se bem e vae ao forno em forma untada de manteiga.

Toucinho do céo — Faça-se um xarope com 750 grammas de assucar e 50 centilitros de agua, um pouco de canella e a casca de um limão. Quando este xarope entrar em ebulição, junta-se meio litro d'elle com a mesma porção de gemmas d'ovos batidas durante alguns minutos, e em seguida deite-se nas formas ou á falta dellas, em chavenas pequenas. De uma ou de outra maneira, deve-se previamente untar, com o proprio xarope, as formas ou as chavenas, simplesmente para que o preparado não adhira

Ponha-se depois de coser em banho-maria, e, quando estiver cosido, deixe-se esfriar antes de se servir.

Bolos americanos — Amassam-se, juntos, em um alguidar de barro vidrado: 500 grammas de assucar refinado, 500 grammas de amendoas descascadas e raladas, oito gemmas e duas claras de ovos bem batidas, 125 grammas de manteiga derretida, uma colher, das de sopa, de canella em pó, e a farinha de trigo que precisa fôr para que a massa fique consistente.

Em seguida, fazem-se bolos mais altos que largos, os quaes se dispõem em um taboleiro de lata untado com manteiga, onde vão a coser, a forno de fogo vivo.

Conservação da pelle — Primeiro — Misturar em leite puro o summo que se expreme dos morangos, depois de filtrado e diluido em pouca agua.

Segundo — Infusão de rabanetes ralados em leite.

Terceiro — Summo exprimido de alho bravo misturado com egual quantidade de leite ou de carne.

NÃO FORAM PUBLICADOS
OS DIAS: 2 A 14